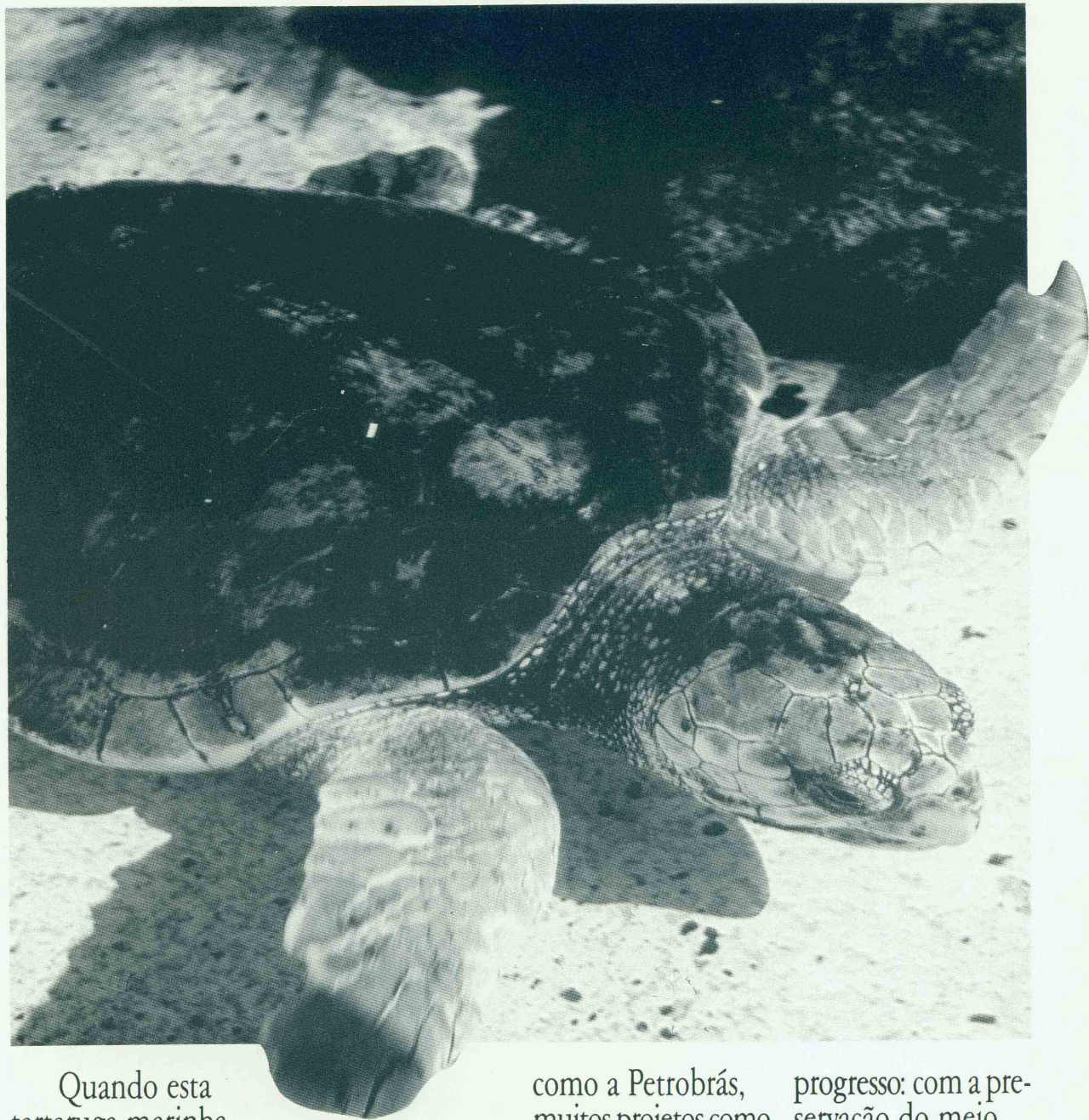


FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO



VOCÊ SÓ VAI SABER O QUE A PETROBRÁS FAZ PELA ECOLOGIA DAQUI A UNS 200 ANOS.



Quando esta tartaruga marinha chegar a sua idade adulta, certamente ela vai ter uma família muito grande. Todas nascidas de um mesmo projeto.

O TAMAR - Tartarugas Marinhas: um projeto criado pelo IBDF, que

desde 1983 conta com o apoio da Petrobrás para a preservação de várias espécies de tartarugas na costa brasileira.

Hoje são milhares as tartarugas nascidas deste projeto. E graças a empresas

como a Petrobrás, muitos projetos como este nascem todos os dias, como por exemplo o reflorestamento da Serra do Mar, em Cubatão, e o combate à poluição na Baía de Guanabara.

É assim que a Petrobrás vê o

progresso: com a preservação do meio ambiente e respeito à ecologia.

Petrobrás. Explorando riquezas e cuidando para que a natureza fique mais rica.



PETROBRÁS
PETROLEO BRASILEIRO S.A.

Ministério das Minas e Energia
Governo Federal

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tanguado pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos, guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno

Capa: EXU,
de César Romero

3
SÔNIA COUTINHO
— Entrevista

8
BRUNA LOMBARDI

10
ORLANDO
PEREIRA DOS SANTOS

13
ELIAS JOSÉ

14
GLÁUCIA LEMOS

15
LUIS TURIBA

17
JUCA GONÇALVES

21
JORGE AMADO

25
ARNALDO ANTUNES

26
MONCLAR VALVERDE

30/31
LITA PASSOS
LUCIANO PASSOS
NELSON MAGALHÃES FILHO

33
CAPOEIRA

43
LIVRO

44
REGISTRO

Poster
Pintura de Mirabeau Sampaio
Texto: Claudius Portugal
Foto: Walmir Pinheiro

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente)
Antônio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Wilson Lins.
Arte: Humberto Vellame
Montagem: Mundin
Fotografia: Walmir Pinheiro
Composição: Studio Domingos
Fotolito e Impresão: Bigraf



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025. Tel.: (071) 321-0070.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.
Todos os direitos de reprodução reservados.

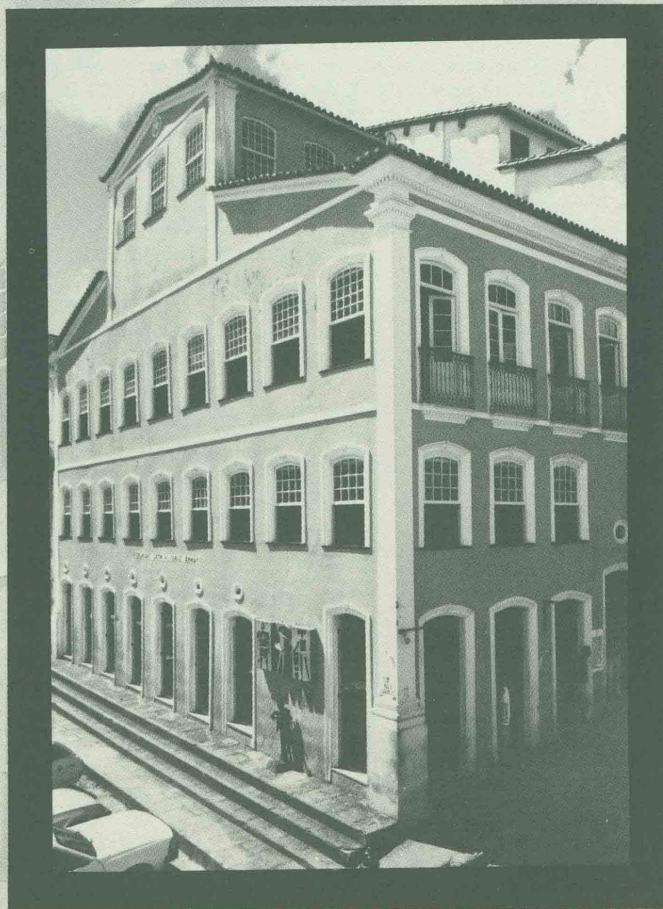
Publicação de acordo com a Lei Federal
nº 7505/86 (Lei Sarney)

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo)
Afrânio Coutinho, Antônio Torres,
Eduardo Portella, Sônia Coutinho,
Fernando Sabino, Mário da Silva Brito,
Rubem Braga, Bella Jozef (Rio de Janeiro),
Paloma Amado Costa (Brasília), Nádia Gottlieb,
(Minas Gerais), João de Jesus Paes Loureiro
(Pará), Marcus Acyolli (Pernambuco),
Sérgio da Costa Pinto (Paraíba), Janaina Amado
(Goiás), Antônio Holthefeldt, Armino Trevisan,
Danilo Ucha (Rio Grande do Sul),
Haydée Jofre Barroso, José Maria Paolantino
(Argentina), Isabel Allende (Venezuela),
Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México),
Gregory Rabassa, John Dwyer, Nancy Baden,
Richard O'Connell, Tomas Colchie
(Estados Unidos), Alice Raillard, Francis Combes,
Jean Orecchioni, René Depestre (França),
Dario Puccini, Luciana Stegano Picchio (Itália),
José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros,
Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro
(Portugal), Xela Arias (Espanha),
Antônio Olinto (Inglaterra), Theodor Popoff
(Bulgária), Pavla Lidmilová (Tchecoslováquia),
Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kalugim,
Vera Kuteichicova (URSS), Jorge Alfama
(Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola),
Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).

setembro/outubro/1989

11





Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente:

Germano Tabacof

Diretor Executivo:

Myriam Fraga

Conselho Curador:

Adary Oliveira • Alfredo Machado • Arthur Sampaio • Carlos Fraga
Fernando Almeida • Floriano Teixeira • Germano Tabacof
Hector Júlio Páride Bernabó • James Amado • João Jorge Amado
Joelson Amado • José Júlio de Calasans Neto
Wilson Lins • Zélia Gattai Amado.

(Academia de Letras da Bahia) Cláudio Veiga • (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) Thales de Azevedo • (SPHAN — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) Maria do Socorro Felix Borges e Silva • (Universidade Federal da Bahia) Fernando da Rocha Peres.

Conselho Fiscal:

Jorge Lins Freire • Júlio Cesar de Carvalho • Lafayette Pondé Filho
Mário Gordilho • Paulo Maciel • Renato Martins.

Mantenedores:

Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda • Companhia Brasileira de Alumínio
Construtora Mendes Júnior • Fundação Banco do Brasil
Fundação Nestlé de Cultura • Jean Luc Lagardère • Nacional Iguatemi
Empreendimentos • Transguarda.

Convênios

Secretaria de Educação do Estado da Bahia • Secretaria da Cultura
Fundação das Artes • Fundação Colégio Maior Universitário Casa do Brasil
- Madrid - Espanha • Fundação Internacional Liudmila Jívkova • Fundação
Pedro Calmon • Museu Eugênio Teixeira Leal.

Sônia Coutinho

Sônia Coutinho nasceu em Itabuna, Bahia. A literatura chegou cedo, numa Bahia provinciana e preconceituosa. Era toda uma luta que começava. Publica contos, edita suplemento literário, escreve crônicas regulares, viaja para o exterior. Na volta publica o primeiro livro: "Do Herói Inútil", Edições Macunaíma. Em 1968 passa a morar no Rio de Janeiro e o jornalismo e a tradução tornam-se decididamente profissionais. Vem "Nascimento de uma mulher", segundo livro, onde o título já afirma de uma de suas marcas literárias, a condição feminina. Seguem-se outros títulos: "Uma Certa Felicidade", "Os Venenos de Lucrecia" (prêmio da Câmara Brasileira de Livro), "Jogo de Ifá", "O Último Verão de Copacabana", e, agora, em 89, seu primeiro romance, "Atire em Sofia". Para a crítica Maria Luiza Penna, Sônia possui *uma escrita original, de extrema tensão interior, entrelaçando um rigor técnico impecável com a capacidade de sentir a existência.* Ou ainda por Lya Luft, *uma lição de psicologia feminina dada por mão sutil e, ao mesmo tempo, feroz; ou por Jorge de Sá, peças que em seu conjunto formam o mapeamento desta sufocante vida urbana.*



O negócio começou quando eu era pequena ainda, porque meu pai fazia poesia, tinha uma estante muito grande em casa. Então comecei a ler muito garota. Era uma menina muito fechada e o mundo da literatura, do que eu lia, ficou mais real do que a vida que eu via. Daí eu vivia comprando livro, uma verdadeira paixão. A partir daí veio a escola, a redação de escola onde os professores elogiavam, e aquilo me deixava vaidosa, porque eu era muito tímida, e era uma maneira de afirmação. A partir daí eu não desisti disto nunca. Mais tarde comecei a encontrar pessoas da área de literatura e naquele tempo tinha a revista Mapa aqui na Bahia. Fui conhecendo as pessoas e um belo dia, uma parte destas pessoas trabalhavam em jornal, o Glauber pegou um pequeno conto e publicou no suplemento literário do Diário de Notícias ou Jornal da Bahia, não lembro bem, e que se chamava "Antiga Sempre". Logo depois, com David Salles, João Ubaldo Ribeiro, Albérico Mota participei de uma

coletânea chamada "Reunião", que foi editada pela Universidade da Bahia, e que teve uma receptividade ótima, apesar de ter agredido muita gente, pois desde o início minha carreira literária ficou marcada por isto. Causou um certo escândalo, porque algumas pessoas achavam que eu escrevia sobre temas fortes para uma moça. Houve carta de protesto para o reitor, que era Edgard Santos, dizendo que aquilo era terrível, agressivo. Mas a imprensa deu uma cobertura sensacional, saiu em primeira página de jornal, primeira página mesmo. Daí ficamos marcados. Mais tarde fui para o Rio de Janeiro, virei jornalista profissional e tradutora, e embarquei numa de me afirmar como mulher e pagar meu próprio sustento e viver esta aventura de ser uma mulher sozinha no Rio de Janeiro. Mas sempre guardando o espaço para a literatura. Ultimamente ficou um espaço que eu quero que seja cada vez maior, inclusive porque não estou mais fazendo jornalismo diário.



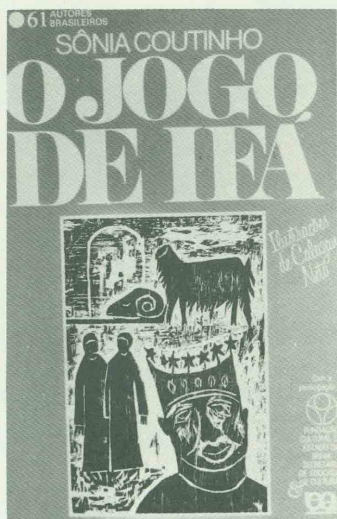
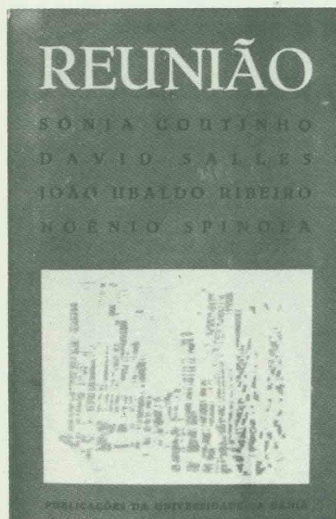
O jornalismo passou a existir apenas no Rio, ou ainda aqui na Bahia?

Ninguém sabe, ninguém viu, mas fiz na Bahia. Como frila. A primeira coisa que eu fiz em jornalismo foi editar uma página de livro no Jornal da Bahia. O que fiz durante um certo tempo, da maneira mais amadorística possível. Mas entrevistei pessoas, escritores baianos, e além disso fiz uma crônica para o Jornal da Bahia, chamada "Apontamento", que saía três vezes por semana. Isto durante um período mais ou menos curto, mas já era uma coisa profissional. Eu ganhava para isto. Depois que fui para o Rio, então, por um acaso, por uma sorte, eu sempre gostei de inglês, fui trabalhar na agência de notícias Reuters, começando aí a atividade de jornalista e tradutora ao mesmo tempo. Saindo daí fui trabalhar na editoria de internacional do Jornal do Comércio. E eu amava aquilo.



E como foi a conciliação da literatura, esta veio primeira, com a jornalista profissional?

De início o impacto foi muito forte, porque a linguagem jornalística é o contrário da literária, de certa forma, porque esta procura a originalidade, enquanto a jornalística é padrão. Tinha o meu estilo, e este foi devorado pelo jornalismo, em termos de linguagem, mas em compensação meu universo foi muito ampliado pelo jornalismo, como por uma fluência que acabou resultando benéfica. O "Atire em Sofia" fatura bem este fôlego maior que o jornalismo me ajudou a ter.





A Bahia

Sem a menor dúvida. A Bahia do final dos anos 50 e início dos 70 era muito Minas, aquela coisa meio dividida, uma classe média alta muito elitista, muito provinciana, preconceituosa, e de outro lado o povo. A separação era violenta. Era uma Bahia racista, repressora, uma religião mal entendida, antiga. Tudo era feio. Eu vivi este clima, que era a Bahia daquele tempo. Agora, eu era uma moça classe média bem instalada baiana, e até para eu ter relações de amizade, participação intelectual naquele tempo, era uma ruptura. Eu estava rompendo com o meio, e era uma coisa que causava uma reação negativa. A minha

trajetória é toda marcada assim por uma luta pessoal muito grande, por que tudo desde o início foi difícil, e eu não estou dizendo isto para me engrandecer. Era a realidade. Hoje a Bahia está mais aberta, mais negra, mais mestiça, assumidamente. Mas a luta continua.



Mas nos anos 60 a Bahia passa por um grande momento cultural. Não é verdadeiro?

Um dos fatores de desenvolvimento deste tempo foi Edgard Santos. Uma pessoa que teve uma participação decisiva nisto tudo. Muito combatido por uma certa esquerda, tenho que colocar, mas era uma visão deformada. Ele foi sensacional. Criou uma escola de teatro

de nível internacional, é dele uma abertura de visão, a escola de música. A universidade naquele instante estava num momento glorioso. Junto a isto tinha o amor pelo cinema estimulado por um cineclube dirigido por Walter da Silveira. Este era um dos centros de cultura, o cinema Liceu aos sábados dez horas da manhã. Mas quanto a literatura eu acho que no momento da vida brasileira tem sofrido um desgaste muito grande. Naquele momento, ainda, havia um respeito maior pela literatura. O intelectual, o poeta, era uma figura valorizada. Maldita, mas divina. Fazia-se suplemento, fazia-se coisas.



E a sua trajetória?

Minha literatura e minha cabeça se consolidaram muito nos anos 70. Foi uma ruptura. Inclusive, no período da ditadura, a repressão era muito violenta na área política, mas em comportamento, até como maneira de protesto, a ruptura foi violenta. Digo sempre que era como se eu tivesse passado do século XIX, o que vivi na Bahia, que era o clima do romance inglês feminino do início, que era o preconceito, a preocupação das mães em casar as filhas bem, com um rapaz de boa família, rico, e eu vivi isto, e com os anos 70 veio a explosão, a contestação, todos os valores sendo modificados. Mas ainda existe resíduos, bolsões do passado, só que eu vivo numa realidade que esta luta já foi toda ganha, pois convivo com uma classe intelectualizada. Tanto que na parte da coisa de mulher, ninguém está pensando em liberdade sexual, de comportamento, agora se encaminha mais para a literatura da mulher, porque há pessoas que consideram tudo junto, tudo igual, e eu batalho um pouco para afirmar que há uma linguagem específica, que deve ser valorizada, e na área profissional onde o homem ainda é o chefe, quem manda, e a mulher não ganhou ainda nesta área uma igualdade, como também na parte financeira.



Sua literatura tem, para alguns, uma marca da revolta, de denúncia. Principalmente, da situação da mulher. Como você responde a isto?

A minha vontade de fazer literatura é anterior a tudo isto. É uma coisa que veio antes de qualquer coisa. A partir de minha experiência de vida, virou revolta, grito, na medida em que como pessoa, mulher, eu enfrento toda esta luta de ser uma moça de família baiana e virar uma pessoa, afirmando minha voz, e tudo isto refletiu-se na minha literatura. Mas não comecei como protesto e acho que minha literatura pode assumir novas faces.



Outra face de sua literatura é o mágico, através da utilização dos mitos. Há uma frequência deles.

Há uma coisa desta mitologia baiana, realmente. Mas eu nunca vi como folclore ou como religião. Na verdade eu não sou uma pessoa que tenha adotado nada disto. Eu vejo em termos de mito, amplamente, da Grécia até hoje. É a minha realidade baiana, brasileira, tentando mudar esta realidade através da dimensão de mito universal. Este mágico que você nomeia, está nos arquétipos da feminilidade, nas imagens femininas, e eu encontro esta identificação na mitologia baiana na figura de Iansã, de Iemanjá. É a dimensão de mito levado ao feminino. Veja: não estava pensando no "Jogo de Ifá" como jogo de búzios, mas como jogo do destino humano.



Em "Atire em Sofia" temos como contraponto o rock. Você se relaciona com ele de que forma?

Ou foi só para compor o clima do livro?
Tem muita coisa que a gente faz não muito conscientemente. Aí passei a ouvir rock, heavy metal, pois há uma coisa meio demonológica que vem do romantismo e está no rock, e o demônio tem o símbolo da rebeldia.

N

a Praça, em cima de uma barraca de bebidas, ao lado de Tetu, Milena vê desfilar os milhares de integrantes dos blocos Ilê Ayê, Araketu, Olorum Baba Mi, Malê Debalê e outros, neste sábado de carnaval. A multidão enlouquecida pula e grita à passagem de três trios elétricos que vão e voltam, saindo da praça e tornando a entrar. Com um sorriso estranho, olhos baços, Tetu aponta:

— Veja ali — diz. — Os Egún de Amílcar Cabral, Samora Machel e Agostinho Neto estão dançando entre o pessoal daquele afoxé.

Descem da mesa, tentam aproximar-se do afoxé, mas são arrastados pela multidão, em direção a um dos trios elétricos. Aos empurrões, chegam bem perto do caminhão — e, erguendo os olhos, Milena vê Jim Morrison dançando lá em cima. Ele usa uma camisa de soldado mexicano, calças de couro preto, botas. Rodopia em cima de uma das botas, curva-se para a frente, como se sentisse uma dor profunda, mas torna a ficar ereto e, agora, aperta os braços pendentes contra o sexo, mão em concha.

— Jim! Jim! — ela grita.

Ele pára de dançar, inclina-se na direção de Milena, diz:

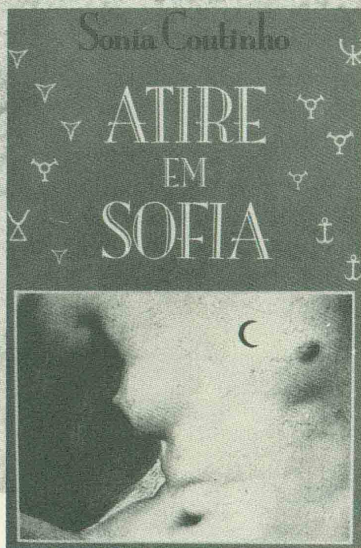
— Estou interessado em tudo que se relaciona com a revolta, a desordem, o caos. Estou mais interessado no lado sombrio da vida, no pecado, na face escondida da Lua, na noite. O que eu quero é a liberdade para experimentar tudo. Quero experimentar tudo, pelo menos uma vez.

— E o rock? — pergunta Milena, abraçada com Tetu, enquanto a multidão empurra os dois, de todos os lados. — Diga alguma coisa sobre o rock.

— Percebi, de repente, que eu era, de certo modo, apenas um fantoche de uma porção de coisas que só entendia vagamente. E, no fim, cheguei à conclusão de que nós, os Doors, devíamos nos considerar políticos. Sim, de que devíamos ser encarados como políticos eróticos.

— Por que você entra em transe desse jeito, quando está num palco?

— A única altura em que me torno realmente acessível é o palco — responde Jim, do alto do caminhão. — A máscara da atuação me dá essa oportunidade. O palco, lugar onde me escondo, e, por isso, posso me



revelar. Para mim, as apresentações sempre foram muito mais do que simplesmente aparecer, cantar umas músicas e ir embora. Só sinto que cumpro meu trabalho quando consigo colocar a platéia inteira numa espécie de território comum. Às vezes, pura e simplesmente paro de cantar, deixo que surjam longos silêncios, que irrompam todas as hostilidades, inquietações, tensões latentes — antes de, afinal, nos unirmos todos.

A música do trio elétrico volta a explodir, a multidão empurra Milena e Tetu, desta vez para longe do caminhão. Ela pergunta, antes de se afastar:

— E “Celebration of the Lizard”, o que você pretendia, com essa letra?

— Essa música é uma espécie de convite às forças obscuras — responde Jim. — Mas não é para ser levada a sério. É como se a pessoa representasse o papel de mau num western, o que não significa, que seja realmente má. É apenas uma aparência, para efeito de espetáculo. Realmente não levo essa letra a sério. A intenção é irônica.

— Quer dizer que é uma farsa? — pergunta Milena, mas não obtém resposta.

Tetu a abraça com força, para protegê-la dos empurrões, e os dois vão sendo afastados do caminhão do trio elétrico. De longe, ela grita para Jim, em despedida:

— Eu sei que você quis, seriamente, sair de dentro de você mesmo e ir até os extremos, tão longe quanto se pode ir, sempre.

Vê que Jim dá um salto para a frente, de olhos fechados, lábios crispados de êxtase. Cambaleia, de tão drogado, grita, de tão bêbado, versos esquecidos. Cai para um lado, de repente, parecendo incapaz de tornar a se levantar. Mas se levanta em seguida, abre as calças, tira o sexo e se masturba, diante da multidão que uiva.

Dominada por uma onda de sensualidade, Milena aperta seu corpo contra o de Tetu. Já estão na periferia da praça e ele a conduz para uma rua lateral, deserta. De minissaia, ela abre as pernas, baixa a calcinha. Fazem sexo ali, encostados a uma parede, o corpo dele protegendo-a dos olhares de eventuais passantes.

Texto extraído do livro *Atire em Sofia*, pg. 172/174, Editora Rocco, 1989.



Voltando as marcas, muita gente fala de seus livros como autobiográficos. É verdade?

Acho que não há menor dúvida de existir alguns referenciais autobiográficos. Não vou dizer que está distanciado da minha realidade. O engraçado é que a literatura da juventude é mais autobiográfica e a geração beat escreveu sobre eles mesmos. Eu escrevo a vida de uma jornalista e esta será muito mais autêntica de uma maneira imediata que se eu escrever sobre a vida de uma médica, daí eu explico o fato de Sofia ser uma jornalista. É um referencial que muita gente vai buscar para ver autobiografia. E se no início do livro este referencial é mais forte, depois deixa de existir. O que eu procuro, na verdade, é criar uma personagem viva, que sirva, pois se não fosse assim seria depoimento e não literatura. Tenho de passar uma realidade que transcenda a minha. E o livro faz isto. Apenas uso algumas coisas minhas para que a personagem cresça. O livro não é autobiográfico, apesar de ter algumas referências da minha biografia, mas jamais são copiadas da minha biografia. O problema é que as pessoas ficam, de uma maneira perigosa, procurando uma correspondência entre a realidade e a ficção. E toda uma parte do livro, pode até tirar o mistério, é a primeira vez que digo isto, foi tirada do departamento de pesquisa de O Globo. A história do rock, e esta é uma parte que o jornalismo influenciou diretamente no livro, o diálogo do Jim Morrison no carnaval, são partes de uma entrevista dele numa biografia. A Maria Callas foi fruto de pesquisa. O universo da mídia é muito forte. Hoje nossa realidade é conhecer muito menos nosso vizinho, ou não conhecer, do que Maria Callas que é muito mais real para mim que muita gente. E isto muita gente faz em literatura.

BRUNA LOMBARDI

SEDUÇÃO

Dentro de mim mora o animal
indômito e selvagem
que talvez te faça mal

talvez uma faísca
relâmpago no olhar
depressa como um susto
me desmascare o rosto
e de repente deixe exposto
o meu pior

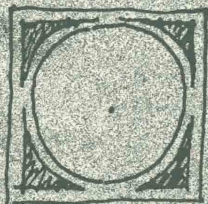
em mim germina
uma força perigosa
que contamina
uma paixão vulgar
que corta o ar e que
nenhum poder domina

explode em mim
uma liberdade que te fascina
sopro de vida
brilho que se descortina
luz que cintila, lantejola
purpurina
fugaz como um desejo
talvez te mate
talvez te salve
o veneno do meu beijo.

Bruna Lombardi é escritora, modelo e atriz. Publicou, entre outros, O Perigo do Dragão.

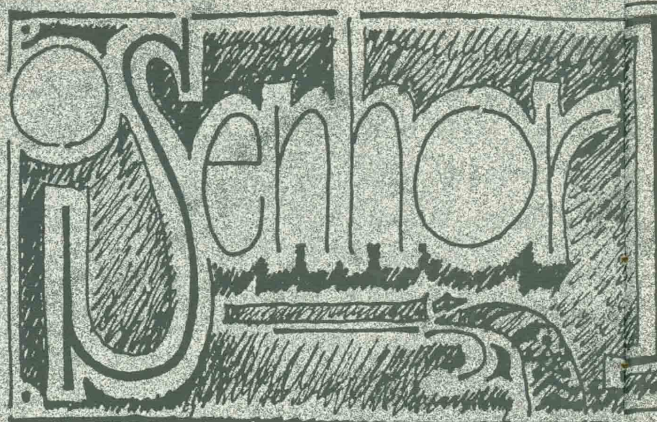
mmmmmmmm-89-



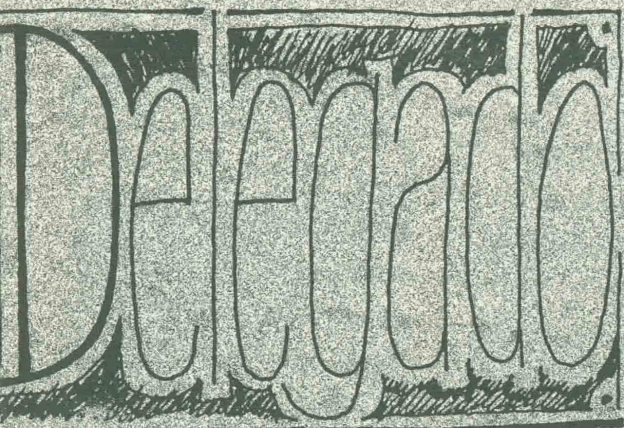


lhar parado no tempo, como se procurasse ver além dele, como se desejasse retomar caminhos de há muito percorridos, como se ansiasse reviver momentos prazerosos do passado, cabeça toda alva, como algodão, ora recostada no encosto acolchoado da cadeira de balanço ora firme, ereta, ouvidos atentos ao menor burburinho, braços soltos, estendidos ao longo do espaldar, nú da cintura para cima, jamais suportou o calor, vestido somente com um pijama azul claro, seu preferido, o Senhor Delegado, como faz questão de ser chamado, seus olhos adquirem um brilho todo especial, vive os dias que ainda lhe restam, entre a monotonia das horas, que tardam em passar, raros lampejos de lucidez, muita sonolência e sono profundo. Pouco anda e quando o faz, para ir ao banheiro ou à cama, arrasta-se pesado, em seus quase oitenta quilos de carne já flácida e músculos ainda um tanto rijos, o médico receitou-lhe uma rigorosa dieta para emagrecer, ele que se gaba de ter sido um verdadeiro atleta na mocidade, e as linhas atuais de seu corpo e seu porte altivo, não desmentem isso. Só toma banho com a ajuda da mulher, uma matrona ainda bem forte, dez anos mais moça. Fecha os olhos e se entrega, lânguidamente, ao contato vigoroso das mãos calejadas da mulher e parece transportar-se para um outro mundo, um mundo totalmente longe dali, ao sentir-se ensaboado nas virilhas, nos pêlos, no sexo, com certeza, revivendo instantes de supremo prazer, quando era forte e viril. Uma vez cismou de banhar-se sozinho e caiu esparramado, como uma jaca mole, no piso escorregadio do banheiro. Foi um corre-corre dos diabos e a maior trabalhadeira para levá-lo.

Resultado: Além de escoriações generalizadas, quatro pontos no supercílio direito, que não tardou muito a cicatrizar, a despeito do diabete de que é portador, e a bronca da mulher, que quase morre de susto, e mais ainda dos dois filhos, uma professora de seus trinta e cinco anos e um médico de quarenta. Passou a ter todo mundo em seus calcanhares, atentos aos



seus menores movimentos, o que não o impediu, certa manhã, de burlar essa implacável vigilância e escapulir porta à fora, achou-a entreaberta, descuido fatal da empregada, que quase vai despedida, e foi bater na delegacia, distante uns trezentos metros de sua casa, para espanto do delegado, seu substituto, e dos demais funcionários, ao darem de cara com aquela figura, meio patética, arrastando os pés, só com a parte inferior do pijama, a dar ordens para soltar todos os presos. Virou motivo de pilhéria entre os moradores do lugar, onde mora, uma pacata cidadezinha de interior. Depois dessa o filho contratou uma velha enfermeira, passada nos anos, mas não na experiência, com a incumbência de não desgrudar dele um instante sequer, o que deixou o velho, completamente arrasado, ele que nunca parava em casa, um rueiro de marca maior, e ainda por cima, com um cão de guarda. A aposentadoria não lhe serviu para nada, homem, desabafava a mulher, em desespero, para quem ser aposentado, significava ficar dentro de casa as vinte e quatro horas do dia, de papo pra o ar. Sara lá pelas nove da manhã, depois do lauto café, aimpim, batata doce e o mais que houvesse, e só retornava às doze, em ponto, para o rango, no dizer dele, passando a mão carinhosamente pela barriga. Mal botava o último bolo de pirão na boca, lá se ia de novo, sol a pino, para só regressar às seis, com o cair da tarde. O jogo de dominó com os amigos no único clube social do lugar, é sócio fundador, fazia o seu dia, sendo esse entretenimento o seu preferido e do qual não abria mão. Não faltava um dia sequer, chovesse canivete. Agora vivia preso

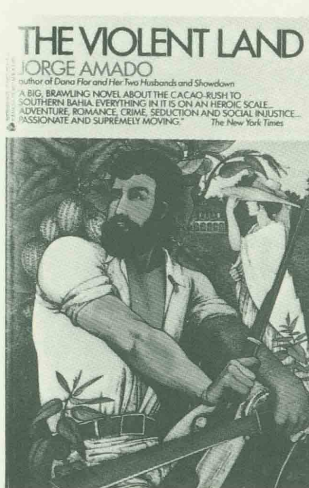
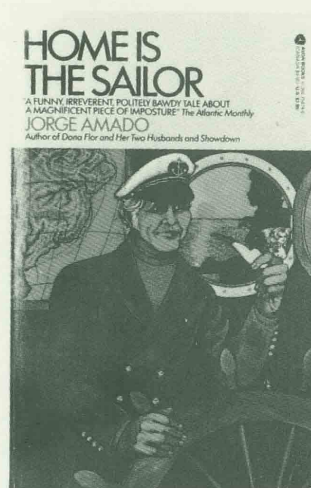
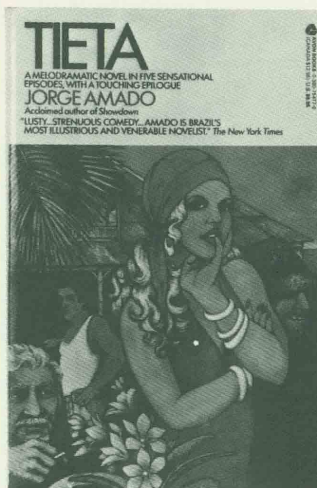
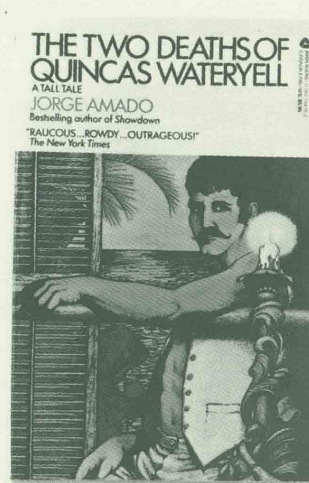
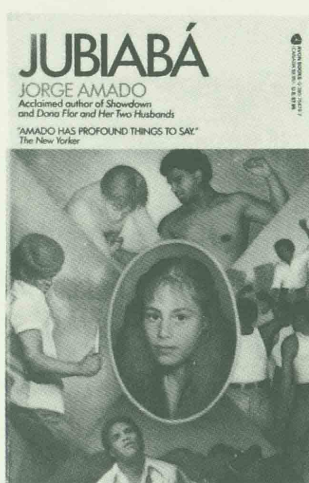
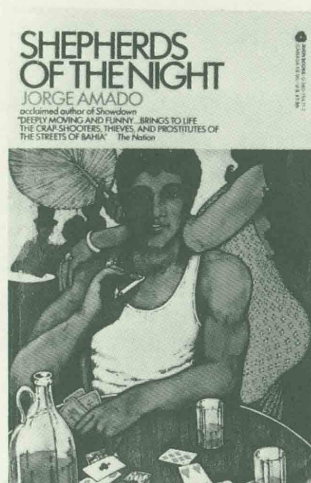
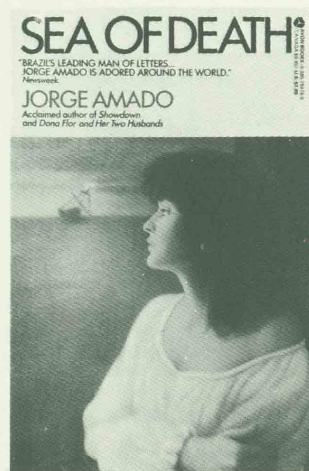
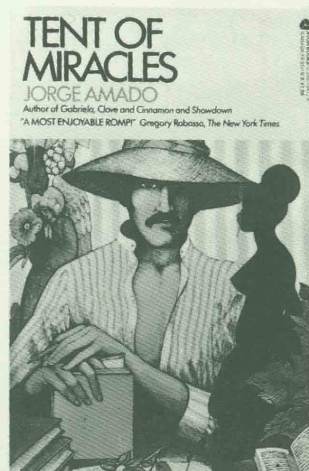
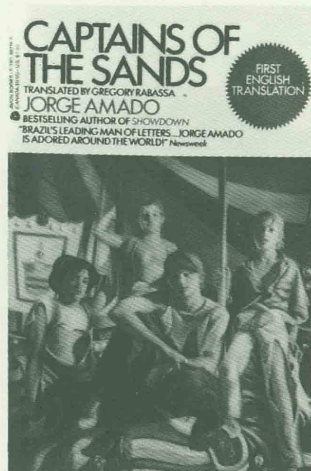
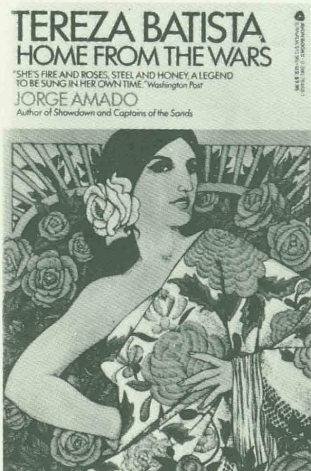


no rabo da saia de uma mulher e ainda por cima velha, feia, rabujenta! Uma verdadeira megera! Desaforo! Esbravejava, como um possesso. Ultimamente só demonstra alegria na presença dos netos, quando aparecem para visitá-lo, em algum domingo ou feriado ou no dia de seu aniversário. Ai ele se transfigura. Vira criança outra vez. Desmancha-se em sorrisos, em afagos, fica exultante, qual um garoto que recebe uma bola de futebol, uma roupa nova. Vovôzinho, o senhor é o maior delegado do mundo! Não conteve a forte emoção e seus olhos turvaram-se de lágrimas, ao ouvir o neto menor, de apenas quatro anos, um pirlalho esperto e inteligente, bradar a plenos pulmões. Sim, ele já fora o maior delegado, se não do mundo, pelo menos daquelas redondezas, sim, senhor. Nunca deu folga a malandro. Sua fama era conhecida. Também nunca foi de cometer injustiças, com quem quer que fosse, isso não. Quando de sua aposentadoria, a contra-gosto dele, diga-se de passagem, prestaram-lhe uma homenagem, como nunca tinha se visto antes por ali. O que recebeu de cumprimentos e de presentes, foi de matar de inveja a qualquer um. Só de políticos, que ele ajudou a eleger, tinha pra mais de dez. E tome-lhe abraço, tapinha nas costas, teve até beijo da mulherada. Era muito querido e respeitado, disso tinha certeza. Favores que tinha prestado, havia perdido a conta. Algum amigo estava metido em encrenca? Falasse com o Senhor Delegado. Um safado qualquer tinha desonrado a filha de um pai de família e queria dar no pé? Era com ele mesmo que se acertava. Um episódio dessa natureza ficou famoso e ultrapassou fronteiras:

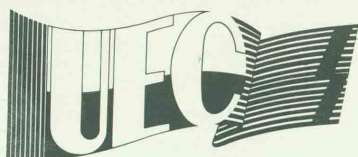
a vez em que ele escoltou, garruncha em punho, um noivo arrependido na hora do casamento, de casa até a igreja e o entregou nos braços da noiva, àquela altura, quase três horas depois do horário marcado para a cerimônia, já à beira de um ataque de nervos, amparada pela mãe, uma velha alta e espigada, taluda que nem uma vara de bambu, espumando de raiva e jurando vingança, o pai, nem se fala, ciscando de um lado para outro, galo de briga no ringue, pronto para a desforra. Não é que passado uns dois meses o casal entrou porta adentro, ele com o filho recém-nascido nos braços, intimando-o para ser o padrinho da criança? Contado não se acredita, gente, cochichavam, saboreando o acontecido, as comadres do lugar. A dias o Senhor Delegado, já bem mais magro, a dieta foi, enfim, suspensa, vem se tornando, cada vez mais distante e taciturno. Passa quase todo o dia dormitando. Já não imbirra com a velha enfermeira, que o deixou mais de lado. Já não sorri, já não reclama a presença da mulher. Sente-se cada vez mais só. Encolhe-se e esconde-se, como um caramujo, sob a pesada capa do mutismo e do silêncio. Os netos, que pouco iam vê-lo, excascearam mais as visitas. Os filhos, nem se fala. De vez em quando eles telefonam e perguntam pela sua saúde. Agora o Senhor Delegado, que por nada deste mundo admitia que homem chorasse, bradava aos quatro ventos que marmão que chorava não garantia as calças que vestia e merecia era porrada, deu para fazer isso à toa: ao anoitecer, esparramado em sua cadeira de balanço, no quintal, o sol a apagar-se no horizonte, a brisa fresca a sacolejar os galhos da amendoeira. Ao romper do dia, em meio ao trinado dos pássaros e o cacarejar das galinhas. À noite, quando a escuridão e o silêncio vêm fazer vigília em seu quarto, e só se escuta o TIC-TAC cadenciado e repetitivo do grande e secular relógio de parede, a martelar incessante os minutos, que parecem não ter pressa de passar. Como a irritante monotonia de seus dias. Como a sua infinda solidão.

Orlando Pereira dos Santos é baiano de Salvador, contista, publicou Sol do Meio Dia e a história infantil juvenil, O Mistério da Ilha dos Coqueiros.

Antes de Passar Por Aqui



Dê Uma Passadinha Por Aqui:



UNIVERSAL ENGLISH COURSE
Largo da Vitória
40120 - Salvador - Bahia. Tel.: 235-0503.

Pecados

Crescera ouvindo sermões de padres, repetidos pela mãe em casa, multiplicados. Os dez mandamentos, os sete pecados capitais e outros inventados pela mãe causavam-lhe temores e tremores. Mal ousava tocar no próprio corpo, sem que mil sinos badalassem maldições e culpas. E recuava-se e escondia-se e esfriava-se em preces e súplicas de perdão. Sentia-se culpada pelo menor pensamento, sem palavra ou obra. E dedicou sua vida às preces e aos pobres.

Foi se definhando para castigar o corpo, sem muito alimento, sem descanso ou tratos. Um dia, não tendo mais forças, fechou-se no quarto escuro e esperou a morte.

A mãe foi a primeira a espalhar que a filha era uma santa, que sobrevivia sem pão nem água, sem sol ou sono.

E no velório e na missa de sétimo dia, havia centenas de pessoas orando, pedindo graças e oferecendo sacrifícios.

Alguns juram que viram, antes do corpo baixar-se na cova rasa, a alma subir leve e quase invisível aos céus.

N Objeto doméstico

Na longa avenida, há três horas, na fria madrugada, a mulher anda e anda, sem buscar nem perceber ninguém, sem deter ou olhar qualquer vitrine, apenas desviando-se dos carros ou observando o sinal, ao atravessar esquinas.

Queria andar muito, chegar tarde em casa, despertar suspeitas e ciúmes. Queria que os filhos perguntassem com angústia onde esteve. Queria ver a fúria do marido, não medindo palavras para ofendê-la com o seu ciúme. Só não queria chegar e achar a diária e amarga indiferença de sempre. Precisava de ter certeza que continuava viva e valendo, para não se sentir mais um objeto de uso doméstico apenas.

C Secretas Viagens

Com a ponta dos dedos, tocou os lábios do amado, sentindo contornos e saliências. Depois deixou a palma da mão esquerda sentir as pontas da barba, enquanto a direita acertava fios da sobancelha. E alisou pálpebras e cílios, sentindo saliência e mobilidade nos olhos.

Ele sorria e gostava, silenciosamente gostava e se entregava. Ela achou então de alisar os cabelos com uma mão, enquanto a outra mão ia e voltava nos pêlos dos braços e do tórax. Ao mesmo tempo, dava leves mordidas nas orelhas e beliscava com os dedos dos pés as pernas dele. Segurou as mãos dele e beijou as pontas dos longos dedos. Depois, largou-as para tocar os ombros, descer pelas costas e massagear as nádegas.

Pôs a cabeça nos ombros dele, gostando muito de sentir-se amparada e sentir que o corpo pulsava calmamente com as descobertas de novas e secretas marcas de pele e pêlos.

Quando chegou a hora do amor, sentiu que os dois corpos encrepavam-se em febre e gozo. E continuou descobrindo contrações do rosto e movimentos novos do corpo, suores brotando e olhos com novo brilho. E se entregava em alegria, deixava-se possuir e possuía, reconhecendo caminhos e desvios de um terreno só dela, com partes do seu corpo, tão dele.

Elias José é professor de Literatura e tem perto de quarenta livros publicados, adultos e infanto-juvenis, vários prêmios, para trabalhos traduzidos e reside em Guaxupé, Minas Gerais.

ANTES QUE RETORNE JULHO

Era julho. Havia muito vento e muito frio. E eu escrevia um livro. Sei que te lembrás. Deves lembrar-te

Agora fico a esperar que a morte sobrevenha e te arrebate e me liberte. Ainda falta tanto para que retorne julho. Mas a morte é como a porta. A entrada da porta é a saída. A morte é a saída. E, no entanto, parece que foi no dia anterior. É só por isso que ainda temo que a morte se atrase.

Na chuva de julho chegavas de capote a galochas, e havia sempre os meus braços. Depois, te servia o café. Na xícara de friso dourado. Só a ti. Eu não gosto de café.

Ficava a te observar pegando a xícara, sorvendo o líquido vagarosamente, e via o teu nariz através da fumaça, mais densa na frieza. Sempre me perguntava, sem falar, se a fumaça não te atrapalharia de respirar. Me preocupava que pudesse respirar...

Julho passou depressa. A chuva prolongou-se por agosto e setembro. Como uma cabeleira sacudida pelo vento, eram os pingos que desciam ondulados. Ininterruptos. E eu me perguntava que primavera era aquela sem pardais e sem sol. Primavera de chuva prolongada como se ainda fosse julho. Mas, para que precisava de primavera? Para que precisava de pardais no jardim? Sem nem o meu canteiro de trevos - o predileto lembrava-me de regar?

Colava o nariz na vidraça e, apesar da chuva da tarde, escutava o assobio. Sempre me impressionei pelo assobio das noites de chuva. E também dos fins de tarde. O assobio da ventania nas frestas das esquadrias de aço mal fechadas. E o assobio deixava os meus olhos adivinharem um homem sem rosto, de capa comprida, galochas pretas e chapéu de abas caídas sobre a testa. Não sei se esse homem teria o teu rosto. Talvez tivesse... Que outro rosto poderia ter?

Depois de tudo concluí o meu livro. E não te disse. Corrigi-o e postei no correio para um concurso. Não ganhei aquele prêmio, mas é preciso aprender a perder em várias situações... Agora um editor vai publicá-lo. Isso, nunca te contarei. É o livro que escrevi naquele julho. No tempo em que chegavas devagar, tiravas a capa molhada, como se estivesse em tua casa. E, como se estivesse em tua casa, descansavas o chapéu em cima da minha máquina de escrever. E tomavas meu café. Te lembrás, sei bem que te lembrás.

Mas tinhas uma filha. Uma filha que era como se fosse a tua namorada. E a tua filha não gostou de mim. Não me disseste isso. Não me dirias. Eras gentil demais para dizê-lo.

Mas então, por que depois daquela tarde no jardim houve sempre um compromisso, uma gripe, um jantar, uma chuva, uma viagem, uma solenidade, uma reunião?

Não te preocupaste se eu poderia respirar...

Ainda falta muito para que retorne julho. Agora há sol, areia, praia, carros passando, poeira, muita poeira no asfalto. Muita pedra e vergalhão nas construções. Acabaram-se as águas daquela chuva que escorreram durante agosto e setembro. E que, só em outubro, me deixaram ver, às vezes, os pardais da primavera e os botões de onze-horas florescendo. Porque só em outubro descobri que o canteiro dos trevos estava vazio.

É que em outubro eu já procurava os pardais no jardim, porque já precisava deles.

Agora quero, quero muito, que não tarde a morte. A morte que te envolva, te abraça e dilua, e desvaneça, e apague. E traslade tuas vozes e teus passos. Tuas palavras e tua capa de gola subida, e a aba do teu chapéu pendida sobre o rosto. A morte que te transfigure na fumaça da xícara do café que te aquecia, depois que esvaziavas os meus braços, como se estivesse em tua casa.

Ela virá, ela está vindo, bem próxima talvez. Viajarás em sua companhia e ela será tua amante gelada, mais apaixonada do que eu fui ardente, a teus desejos.

E então, só então, me libertarei.

A propósito: ainda está longe o outro julho, mas já estou escrevendo um outro livro, porque julho é sempre muito frio e traz sempre muitos ventos. A capa da minha máquina está enxuta e nunca mais descansará sobre ela o teu chapéu molhado. Nem mesmo quando retornar um outro julho.

Gláucia Lemos é poeta e cantora. Publicou: Era uma vez uma Rosa que virou mulher e A Metade da Maça.

*Astrólogo anônimo
enxuga a estrela cachaça
em cosmética ressaca
sol vendo a luz da lua*

LUIS TURIBA

π RADOS

π Olho

O pior cego é aquele que não quer verde

π Leque

Astrólogo anônimo

*enxuga a estrela cachaça
em cosmética ressaca
sol vendo a luz da lua*

π Çudo

Aquele barulhinho

*do elástico da calcinha
quando puxado*

(para mim)

vale mais que mil recados

É o momento do tudo ou nádegas

A rearumação da carne

no seu invólucro mais sagrado

é o que me deixa senado

A tara é pátria

A tara é pátria

*minha carne é minha língua
minha carne é minha língua*

Qual é a do π

O Pi dá pé. Segundo o Aurelião, sua origem etimológica vem dos fenícios. 16ª letra do alfabeto grego cujo desenho é π . Tem também sua correspondência geométrica e matemática: "razão constante entre o comprimento da circunferência e o do seu diâmetro. Número irracional de valor compreendido entre 3 e 4 (aproximadamente 3,1416). Na Física Nuclear tem uma missão quase esotérica: "número bariônico nulo com três estados de carga elétrica". Poeticamente é a mosca que pousou na nossa sopa e no chinês quer dizer mais ou menos "da Silva", além de ser o apelido do segundo atabaque do candomblé. Não é de Pi rar?

Luis Turiba é editor da revista Bric-a-Brac (Brasília), tem 39 anos, publicou quatro livros, entre eles Realejos.

NÃO DEIXE SEU DINHEIRO DORMIR NO PONTO.



Quem deposita na Conta Remunerada Baneb ganha da noite pro dia, sem carência. Enquanto você dorme tranquilo, seu dinheiro rende e você pode sacar a qualquer momento, como numa conta corrente comum.

Quanto mais tempo seu dinheiro ficar no Baneb, mais você ganha e não precisa

ficar naquele corre-corre do tira daqui, aplica ali, porque seu rendimento é automático. Tranquilo. Seguro.

Abra uma Conta Remunerada no Baneb. Você vai ver como daqui pra frente suas noites vão ser muito mais felizes.

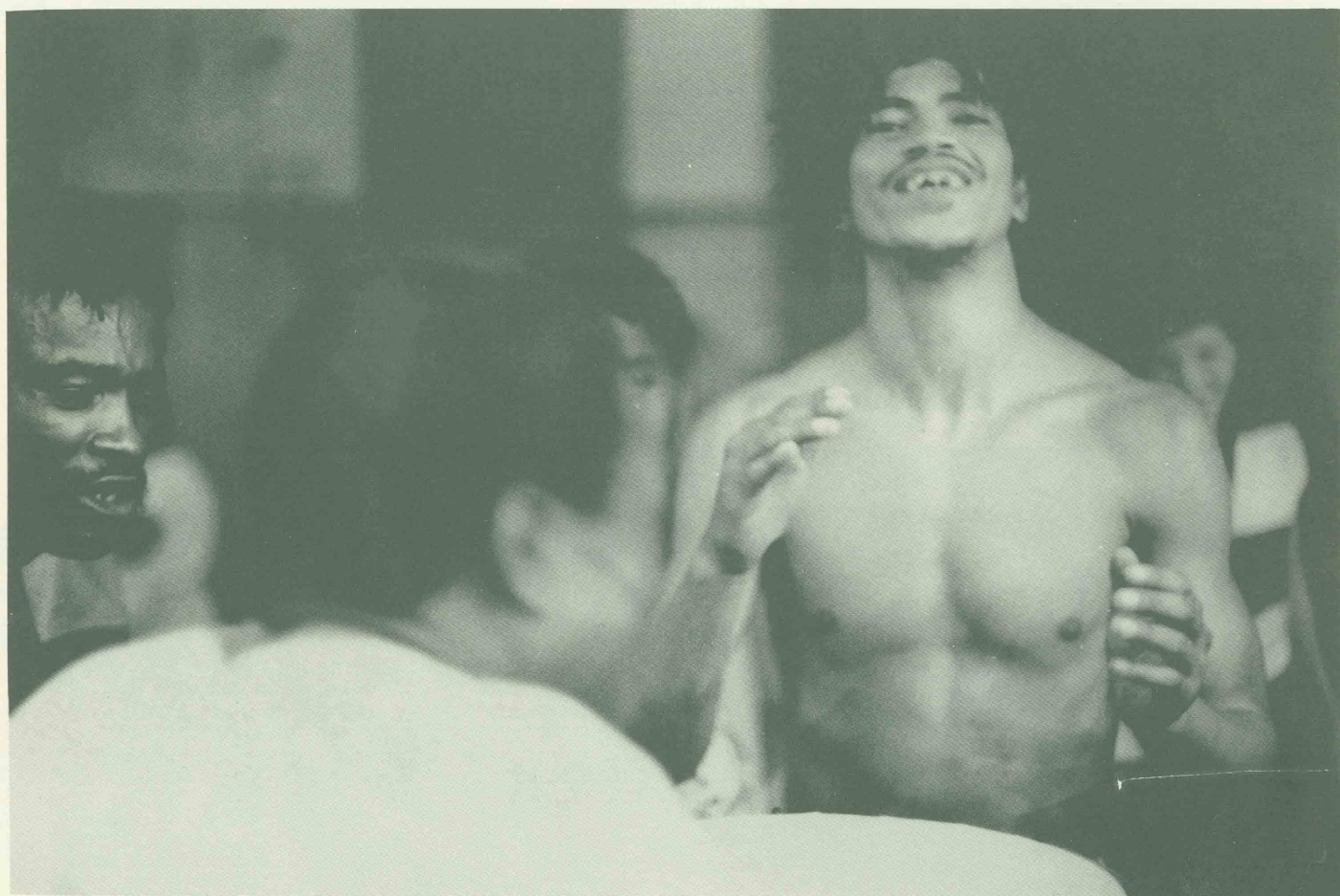
CONTA REMUNERADA



para Pedro e Pedro

Um dia o menino veio brincar na beira do mar.
Entre espumas de sal colheu conchas e furtou os sons
que moram nos búzios, pequenos sopros de música,
segredos escondidos pelo vento. Misturou-os ao couro dos
atabaques, ao agudo das palmas, e criou um canto mágico,
canto de dor e alegria em ritmo forte e doce, canto de
resistência. Depois chamou os ventos, esses que andam
nas costas da Bahia assoviando no branco das velas e
levantando as saias das moças, e ordenou que soprassem
o seu canto de amor e denúncia em todas as direções,
invadissem todos os sobrados, balançassem os sinos de
todas as igrejas e inebriassem todos os ouvidos.
E depois, como se restaurassem a ordem de todas as coisas,
pegou a semente da terra e fecundou o ar...









Juca Gonçalves é arquiteto e fotógrafo O ensaio Menino na Praia foi realizado em 1984, na Boca do Rio, e o Samba de Roda na Festa de Santa Luzia, 1979. O texto que acompanha o ensaio fotográfico é de Claude Santos.

As mortes E O Triunfo DE ROSALINDA

(história escrita sob encomenda e sem inspiração, sem pés nem cabeça, digna dos tempos de viver que vivemos institucionalizados e redimidos do pecado universal, tentativa frustrada de estabelecer a escola do realismo-anárquico, dedicada pelo autor, com admiração e amizade ao romancista Campos de Carvalho, jovem mestre da literatura brasileira).

Texto extraído do livro
"Os Dez Mandamentos"
Editora Civilização
Brasileira S.A. 1965

Desenho de Murilo



Basta de gritos, cavalheiro! Não me interessa saber se o distinto é autoridade ou não, não admito gritos seja de quem for, não sou moço de recados de nenhum patrão nem Governador de Estado tremendo ante qualquer patente militar, não suporto gritos. De Rosalinda muita coisa suportei antes de decidir-me a fazer justiça com minhas próprias mãos, jamais, porém, ela elevou a voz cristalina para gritar comigo, e por quê havia de gritar? Ninguém precisa gritar, não tenho por que guardar segredo, o fato é público e notório

e o programa de maior audiência da televisão transmitiu ao vivo o assassinato de Rosalinda, o sétimo por mim cometido na mesma vítima inerte e ressuscitada, a Virgem de bronze, a meretriz dourada, a Santa milagrosa canonizada pelos anticomunistas chineses, Rosalinda BB ou seja, Rosalinda

Boa Bunda.

Não, meu caro amigo, se Vossa Excelência permite-me tal intimidade, não sinto o menor remorso. Não precisa o caro colega insistir: "não matarás, não matarás",

como se falasse a um gentio, ao ditador do Paraguai ou a um índio perdido na selva. Não sinto o menor remorso, não perco um minuto de meu sono de inocente. E por que haveria de sentir remorso? Por que um judeu do Egito gravou na pedra uns quantos mandamentos? Não lhe digo, respeitável cartola, o que penso do tal Moisés e de seus dez mandamentos porque as senhoras não estão suficientemente próximas. Já notou como as senhoras gostam de ouvir palavrões? Quanto mais moralistas e devotas, mais estimam elas as palavras feias, os nomes sujos. Conheci a avó de um sujeito muito metido a besta, era uma velha de seus oitenta anos de ostentada virgindade, uma barata de sacristia, cheirando a breviário (ou fedendo ao dito como o senhor prefira, de acordo com seus respeitáveis princípios religiosos), pois bem: a piedosa adorava um palavrão e seu preferido era prepúcio, já viu Vossa Senhoria palavrão mais horrível? Também Rosalinda exigia um palavrãozinho na hora extrema do coito e eu levava sempre comigo um bom dicionário da língua portuguesa, para consultá-lo no momento crítico e assim variar de vocabulário se bem que ela demonstrasse nítida preferência pelo substantivo feminino *vaca*, elogio a deixá-la em transe e em êxtase.

Não me pergunte por que, não venha me dizer que não sabe... Quanto à velha rata de igreja, era avó e virgem, sim, senhor, meu caro Esculápio. Ora, como podia ser... Ou bem por obra e graça do Espírito Santo, divindade dada a esses truques, ou bem de tanto levar nas coxas pegou filho, gravidez tubária ou gravidez anal, o senhor pode escolher, sempre de acordo com seus gostos e suas conveniências. Para mim, no entanto, e aqui o confesso, a virgindade da velha era apenas aparente, a operação plástica não dera resultados positivos, a prova é ter o segundo marido viajado para a Bolívia em busca do divórcio. Também Rosalinda, submetendo-se à delicada operação, jogou dinheiro fora pois logo me dei conta que já lhe haviam tirado os tampos. Não adianta tentar convencer-me com o laudo médico. Apenas concluí à primeira e emocionante metida, examinei os lençóis imaculadamente brancos, nem uma gota de sangue para remédio. Não venha, senhor perito, com a opinião autorizada da junta médica, não me tapeia. Repeti o defloramento quatro vezes e em nenhuma delas eu a encontrei virgem, a astuciosa conseguia sempre maneira de fornicar anteriormente, na véspera ou minutos antes, deixando-me apenas um restinho miserável de donzelice, um quase nada.

Mas, se Vossa Reverendíssima não se opõe, abandonemos tais detalhes tristes, inclusive a velhota recauchutada e carola, voltemos aos mandamentos. Não lhe dou minha abalizada opinião sobre eles porque, se eu lhe dissesse tudo quanto penso a respeito, seria taxado de anti-semita e isso não admito, de nenhuma forma, nem mesmo para lhe ser agradável. Jamais fiz distinções entre uns e outros, cristãos, judeus, budistas, birmaneses ou negros do Congo. Se alguma distinção estabeleci e se revelei preferência foi em relação às mulatas, são distintíssimas como talvez o distinto saiba, diferem de todas as demais, não tem igual nem comparação. Dei-me ao trabalho de confrontar umas e outras, no geral e em cada detalhe, não estou fazendo nenhuma afirmação gratuita. Não faço nada gratuito, sou um profissional e não um amador, não sei se Vossa Eminência

As mortes de ROSALINDA

está a par desse importante fato: tenho horror aos amadores, prefiro o pior profissional ao melhor amador, se não sabe fique sabendo, seu chibungo. Por isso mesmo sempre preferi Rosalinda nos dias de mulata e profissional pois quando ariana e amadora tinha certo odor de vela de cera, de cadáver recente.

Não só jamais estabeleci distinções (exceto para as mulatas e para uma tal Antonieta que, aliás, pegou-me doença feia e tentou bater-me a carteira no castelo de Gegê) como também andei às voltas com uma judia durante certo período de minha vida pregressa e emocionante, israelita ruiva em todos os cabelos incluindo os do rabo que eram de um ruivo mais queimado, belo e inédito, jamais pintor algum conseguiu reproduzi-lo. Antes de ver em mim as conhecidas e louvadas qualidades físicas e morais, a técnica sexual empolgante, com variações cinematográficas e taras de primeira ordem, o que deixava a levantina no auge da excitação era o fato discutível de não ser eu semita, filho da tribo de Israel, e, sim, cristão, batizado na Igreja do Bonfim num dia de chuva. Por consequência, não era, tampouco, circuncidado e essa perspectiva provocava-lhe arrepios no cangote e em outros istmos de sua geografia e a fazia gemer de prazer antecipado. Honestamente, Irmã Superiora, expliquei-lhe ter abandonado a religião cristã na estrada poeirenta do passado juvenil e ter-me convertido há muito ao abjeto culto do materialismo grosseiro, sendo um réprobo da Igreja, anjo decaído a seu serviço, Madame, se assim mesmo lhe servia. Pois bem. Madre Provincial, ela, digna e apressada, revelou sua aquiescência, servia-lhe qualquer cristão mesmo capenga como eu, à espera da excomunhão papal pois não aceitei a do vigário da paróquia, não me passo para subalterno como a Ilustre Vogal já deve ter-se dado conta. Servia-lhe, à judia urgente, qualquer cidadão desde que nascido no seio da Santa Madre Igreja e assim isento da circuncisão. Não lhe tendo revelado o segredo de minha tardia e dolorosa circuncisão, operada pela própria natureza como consequência da venérea Antonieta, coloquei-me a seu serviço, Mestre e Amigo, e não lhe digo nada. Deixei-a exangue e satisfeita, naquele tempo não havia técnico em assuntos de cama que se me comparasse, a ponto de receber as mais tentadoras propostas de afamados prostíbulos europeus e de Hong-Kong, esse especializado em velhas degeneradas. Impediu-me o patriotismo de aceitar, meu General, não iria privar minha pátria idolatrada desse tricampeonato mesmo perdendo dinheiro e glória. Sobretudo, Hermano del Continente, quando havia um cafetão portenho a querer disputar-me colocação tão

Triunfo DE

heroicamente conquistada, recorde autenticado pela OEA. Não só a palma de ouro queria arrebatar-me o patife: também os peitos de Rosalinda e o resto, usando para isso de todas as artimanhas e velhacarias, desde o tango argentino até o emprego de objetos mecânicos, deslealdade e vilania a reclamarem o castigo da morte. Aliás, foi ele, o argentino arrabalesco, uma das minhas primeiras experiências e um dos melhores sucessos da minha carreira. Quando liquidei Rosalinda pela segunda vez liquidei também o *cabaretier* portenho do qual ela engravidara ilegitimamente. Com eles iniciei minha próspera carreira de assassino. Não trema, meu chapa, nada mais feio do que um homem a tremer. O argentino, diga-se em sua honra, não tremeu, comportou-se como um bravo e na hora H deu um viva ao caudilho Rosas, seu patrono. Quanto à palavra, se ela lhe desagrada, a mim parece bem soante e poética, formoso nome para uma criança loira e frágil, um tanto sobre o pederasta. *Assassino Marinho da Cunha, decorador*, não lhe parece bem para um cartão de visita?

Mas, regressando a galope e um tanto tardiamente para os pés (ou para as nádegas se o Conselheiro assim prefere com sua apurada sensibilidade) do ruivo salmo de David, saiu ela satisfeita do confronto. Tornou-se admiradora do Novo Testamento e ainda hoje pensa ser a superioridade demonstrada consequência da falta de circuncisão, led e doce engano da pastora do Jordão, pois a perícia e a apurada qualidade eram minhas pessoais, nada tinham a ver com raça e religião.

Tudo isso esclarece, creio eu, Magnânimo Príncipe, minha nítida posição ante o explosivo problema racial: equidistante do arianismo e da negritude, mestiço de origens ignoradas e divinas, não sou nem racista nem vegetariano como andou insinuando o açogueiro de minha rua, aliás, alameda, por ter-lhe eu retirado minha freguesia de carne. Juro-vos, Senhor Comendador, ter tido para assim agir motivos os mais relevantes, capazes de implicar em dificuldades diplomáticas, em conflitos internacionais. Jamais por vegetariano e sim, por amante, teúdo e manteúdo, da distinta esposa do açogueiro, um colar de perfeições libanesas. Libanês era também o marido e estás a ver, meu irmão, não podia eu, decentemente, sem trair minhas arraigadas convicções estéticas e políticas, continuar a comprar carne em estabelecimento de propriedade de um cavalheiro para cujos alentados chifres eu contribuía com o melhor dos meus esforços. Por decência agi e por economia doméstica, pois a grata açogueira fornecia-me os melhores pedaços dos seus bois e de suas vacas, sem contar sua própria

carne morena e tenra de novilha. Dogmático e sectário, tendo sido educado na leitura dos clássicos, retirei ao comerciante minha parca freguesia, não me parecia correto misturar dinheiro àquela simpática associação onde a maometana entrava com a carne, eu com a plástica, os músculos e a técnica, e ele, sócio capitalista, entrava com a certidão de casamento. Os vizinhos garantiam que ele entrava era pelo cano, mas me diga, Conselheiro, quem pode evitar a peçonha das más línguas e erguer-se sobre ela, bestificado em vida? Tanto intrigaram os vagabundos até Rosalinda tirar o caso a limpo, em seus mínimos detalhes, inclusive as medidas exatas, milimetradas, das partes mais íntimas da bem-amada, como sua rósea e estreita vulva (instrumento de prazer conhecido em Sergipe e imediações pelo gentil pseudônimo de chibio).

Ora, Desembargador, Rosalinda subiu nos azeites, botou a boca no mundo, escandalizou um colégio de moças, estabelecido nas proximidades, moças as quais freqüentavam na sua maioria um castelo especializado em virgens transviadas mas nada diziam em casa, discretas. Que jeito tive eu senão assassinar mais uma vez Rosalinda, para silenciar-lhe a boca de praga? Aproveitando a ocasião, enviei também para o outro mundo o nobre açogueiro, herdando-lhe o estabelecimento e a esposa e, ao que parece, também os chifres pois a viúva sofria de furor uterino e para satisfazê-la só uma sociedade anônima constituída de galegos fortes e dispostos. Não seria eu sozinho capaz de tanto, eu, um pobre vate errante, escravo de escrúpulos e preconceitos. Liberto, no entanto, meu Fidalgo, do medo da lei, seja ela a dos mandamentos, seja a ditada pela revolução mais recente, a de uns dias passados, não sei bem se a penúltima ou se a antipenúltima pois desde que isto aqui virou novamente republiqueta latino-americana deixei de interessar-me pela técnica do poder absoluto ou mesmo pela monarquia constitucional. Não temo nenhuma lei, de Moisés ou de um fascista qualquer, seja ele alemão ou mineiro.

Não me venha, Chanceler, de borzeguins ao leito, querendo convencer-me ser vosso respeito aos mandamentos e às leis fruto de um caráter diamantino e da esmerada educação recebida do calhorda de vosso pai, aquele emérito gatuno a locupletar-se com o dinheiro do Estado. Houvesse cadeia nessa País e de lá teria saído o suntuoso enterro de vosso pranteado progenitor. Vossa virtude, patrimônio da Nação e do Povo, orgulho de vossos concidadãos, não é mais do que medo, medo do inferno e da prisão, pois vos faltam os culhões de vosso pai: aquele, sim, era um macho e limpou os cofres públicos com admirável consciência. Admiro, Condestável, os homens de coragem e honra, e assim ensinei a Rosalinda quando ela, ainda menina, veio frequentar-me as aulas e o catre de solteiro. Não, Senhor Promotor, não a violentei então, como poderia fazê-lo, se já nascera ela violentada, se foi ela quem me arrastou à devassidão e ao horror de pecado?

Admiro os homens de coragem e honra e sou um deles, dos primeiros e dos mais conscienciosos. Exemplo citado nas antologias, meu nome é honrado em todas as pátrias, nos cinco continentes, nos dois lados do mundo, nos países ainda presos ao capital colonizador, em vias ou

não de libertar-se (como prefiram vossas opiniões políticas, seja Vossa Mercê mais ou menos radical), e nos países socialistas, os da Europa e os da Ásia, sem falar no México com seus rebanhos de focas amestradas e suas Dolores del Rio, mulhereças para todas as posições políticas e posições propriamente ditas, na cama. De mim, aliás, prefiro as euro-asiáticas se bem sejam elas heréticas, reformistas, dadas a golpes de estado e a desvios de direita. Não as acuso de espionagem e, sim, de sodomia, Senhor Deputado, vício ao qual não escapou minha doce Rosalinda nem as mulheres da família de honrado parlamentar institucionalizado e em vésperas de ser nomeado senador perpétuo e vitalício, com os direitos cassados e o saco cheio. Porque o homem nasceu, meu caro Senador, foi mesmo para a cama, quero dizer, para a fornicação que, como sabeis de São Tomás de Aquino, é deleitável e deve ser amiudadamente praticada para não se perder o hábito, a técnica e o rebolado.

Exemplar antológico, cantado em prosa e verso, sem esquecer os poemas concretos, personagem de romance e da crônica policial, aqui estou, meu nobre Acadêmico, mas não para me desculpar ou pedir clemência tampouco para ser julgado, quem sois, oh! ínfimo verme, quem sois para me julgar? Por que tendes barrete e toga, Meritíssimo de Merda, pensai-vos com direito a rotular meus atos, ditar-lhes sentença, enviar-me para a Ilha do Diabo ou para as exposições abstratas, deportar-me para um Museu de Egiptologia ou para o Cinerama, levando como bagagem a Enciclopédia Britânica, Os Luzíadas e o Paraíso Perdido, sem esquecer o Ulysses de Joyce e as Tábuas da Lei? Jamais tenteis tal vilania pois vossa ínfima humanidade será pasto para os urubus ou divertimento para os esportivos rapazes da DOPS que vos arrancarão os escrotos e as confissões, além da língua e da alma. Vossa subversão e vossa corrupção serão reveladas num inquérito jamais realizado mas de admirável juridicidade e teminarei por vos ignorar para todo o sempre. E, se não estais satisfeito, respeitosamente vos peço para dar o fora, com toda a vossa bacharelise, não me julgareis. Nem vós, nem Deus no dia do Juízo Final, nem a opinião pública, nem a minha consciência.

E se credes ser minha consciência, estais por inteiro enganado e, se persistis em afirmá-lo, sois um vigarista da pior espécie como, aliás, proclama a opinião pública. Não sois minha consciência, há muito não a possuo, ainda jovem eu a empenhei por um prato de lentilhas e um par de brincos para Rosalinda. Foi, aliás, com esses brincos de ouro que a conquistei quando ela, reclinada nas ondas, de monoquíni e monóculo, divertia-se a namorar e a bolinar o Patriarca de Alexandria, ali em férias de suas atribuladas dúvidas sobre a origem divina das pelancas.

Não me julgueis, não vim explicar, por que havia de explicar o inexplicável? Quem não sabe do acontecido, mistério do conhecimento de todos, o crime mais popular do século, estampado na primeira página dos jornais, incluído no Antigo Testamento e nas Cartilhas de Alfabetização? E de que adianta explicar se não conheceis, Senhor Ministro, a vítima predileta e formosa, a indescritível heroína, a louca Rosalinda, rainha do carnaval, princesa hindu, membro do Comitê Central de todas as confrarias eclesiásticas e de todos os partidos superados ou em vias, Madre Superiora e pomba sem pecado, dona de casa de mulheres damas, presidenta

da Obra em benefício das mães solteiras, sem falar nos títulos universitários. Só nos Estados Unidos era Rosalinda Doutor *Honoris Causa* de quatrocentas universidades e o grau de Grão-mestre fora-lhe outorgado por oitocentas e duas sociedades secretas. Copulá-la, Senhores do Conselho de Sentença, era copular a cultura ocidental e a civilização industrial, era praticamente copular o próprio capitalismo e estando, como sabeis, o capitalismo moribundo, esse conúbio carnal adquiria certo caráter necrófilo.

Detei-vos a imaginar, por breve instante e pela eternidade, a sorte a mim reservada pelo destino ou pela divina providência, vulgo urucubaca, quando, saindo dessa cópula febril e imensa, após ter ejaculado sobre os movimentos estéticos mais modernos e sobre as teorias políticas mais sutis, capazes de provar por *a* mais *b* a férrea saúde do colonialismo e da monarquia absoluta, senti-me engravidado por Rosalinda. Sim, sábios de todos os quadrantes, vinde ouvir a espantosa notícia: estava eu, homem e machão, um dos raros bailarinos isentos de qualquer laivo de pederastia, estava eu, repito e tremo, grávido, o ventre a crescer e entregue a desejos estranhísimos tais como mastigar pés de vento, bater o recorde mundial de datilografia, ganir à lua e espojar-me vestido de casaca no Teatro Municipal em noite de gala. Que filho crescia em meu ventre? — perguntei ao universo inteiro e a mim mesmo. Respondeu-me a voz solene dos séculos e a espantosa verdade tornou-me clara e inadiável: em meu ventre tomava forma e corpo uma nova Rosalinda, ou seja, eu ia parir, num parto sem dor, segundo a técnica mais moderna, a minha própria mulher de quem eu estava grávido. Que outra solução senão abortar? Dizei-me, vós tão moralista e montado em besta, que outra solução senão o aborto? Mas não o pratiquei, não houve tempo, Rosalinda nasceu.

Rosalinda partiu para o futuro, cavalcando os corcéis do proletariado, levava o sol como estandarte e deixou-me de herança o apocalipse e essa página da História já escrita, o velho mundo abalado em seus alicerces e um tanto fedorento. Nada me deterá, porém, sr. Escrivão, pode tomar por termo o meu depoimento: se eu não a matei não foi nem por medo nem por respeito a leis e a mandamentos. Se não a matei, se a deixei partir de meu ventre e correr os caminhos do amanhã, foi porque na hora decisiva faltou-me munição, fui sabotado. Ficou para outra vez, eu a esperarei nas enervilhadas, armado com minha espingarda de flores e perfumes, vestido com meu Carnaval inteiro, eu, o estrume de onde nasce a flor, o dedo duro, talvez o esperado Messias do capital e do truste.

Não, Imperador, não conteis sobre mim para afirmar vossa tirania e vossos privilégios. Quando gravei na pedra os mandamentos não foi na intenção de criar o monopólio do maná, tampouco o latifúndio do deserto. Foi para abrir passagem ao homem em seu caminho. Tomarei de minha bomba atômica particular, subirei à lua na nave espacial, levarei minha velha espingarda e de lá fuzilarei vosso pequeno mundo estercoário, cuspirei o fim sobre vossa argamassa. Mas, de que adianta fazê-lo se Rosalinda escapou e, saltando sobre os séculos, construiu a fartura, a paz e a alegria? Quando a palavra *matar* desaparecer das tábuas da lei e do coração dos homens. Quando, ah! quando, Rosalinda...?

Eu apresento a página branca

Contra:

Burocratas travestidos de poetas
Sem-graças travestidos de sérios
Anões travestidos de crianças
Complacentes travestidos de justos
Jingles travestidos de *rock*
Estórias travestidas de cinema
Chatos travestidos de coitados
Passivos travestidos de pacatos
Medo travestido de senso
Censores travestidos de sensores
Palavras travestidas de sentido
Palavras caladas travestidas de silêncio
Obscuros travestidos de complexos
Bois travestidos de touros
Fraquezas travestidas de virtudes
Bagaços travestidos de polpa
Bagos travestidos de cérebros
Celas travestidas de lares
Paisanas travestidos de drogados
Lobos travestidos de cordeiros
Pedantes travestidos de cultos
Egos travestidos de eros
Lerdos travestidos de zen
Burrice travestida de citações
Água travestida de chuva
Aquário travestido de tevê
Água travestida de vinho
Água solta apagando o afago do fogo
Água mole sem pedra dura
Água parada onde estagnam os impulsos
Água que turva as lentes e enferruja as lâminas
Água morna do bom gosto, do bom senso e das boas intenções
Insípida, amorfa, inodora, incolor
Água que o comerciante esperto coloca na garrafa para diluir o *whisky*
Água onde não há seca
Água onde não há sede
Água em abundância
Água em excesso
Água em palavras.

Eu apresento a página branca.

A árvore sem sementes.

O vidro sem nada na frente.

Contra a água.

*Arnaldo Antunes é poeta, letrista, cantor, compositor
Um dos integrantes do grupo Titãs. Publicou Psia
e foi o coordenador editorial de Atlas, coletânea de
poemas.*

A MEMÓRIA E OS CRISTAIS DO TEMPO

(O Perspectivismo
da Memória em Proust)

Como pode uma cidade inteira, com seus arredores e jardins, sair de uma taça de chá? No momento imediatamente anterior nada havia, sobre o cristal dessa taça, senão o peso, o calor e a viscosidade de uma breve infusão de tília. E de repente, como num ovo que se rompe ou num útero que expõe seu fruto, um ponto do universo se multiplica e se abre a toda uma constelação de signos, experiências e desígnios. Não é possível tratar-se apenas de uma revelação: a cidade que surge da taça de cristal não estava lá escondida; ninguém poderia esperar por ela; ninguém poderia ali adivinhar as suas encruzilhadas e as suas planícies. Esta cidade não existe apenas porque já existia antes; ela não é somente uma de suas aparições possíveis. Não, ela só existe porque cumpre, num único instante, o inteiro ciclo de sua vida. Não o percurso cronológico de seu envelhecimento, mas o movimento completo que constitui sua presença: ela só existe porque acaba de nascer! E, no entanto, esta cidade completa, recém-nascida, já ocupa um lugar no passado; já pode penetrar, por um estranho mecanismo, a estrutura mesma do próprio tempo. Que súbita eternidade é esta, simultaneamente capaz de mostrar e iludir, velar e revelar, constituir e diluir a sua carne? Que ser é este que brota na emergência de um gesto? “Ah! — diremos — não é um ser, é apenas uma lembrança... “Mas seria uma lembrança um “apenas”?

*E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Leônia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. O simples fato de ver a madalena não me havia evocado coisa alguma antes de que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, a sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas, — e também a daquela conchinha de pastelaria, tão generosamente sensual sob a sua plissagem severa e devota, — se haviam anulado ou então, adormecidas, tenham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançarem a consciência. Mas quando mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, — sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, — o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação. (Proust: **No Caminho de Swann**, 9ª edição, Ed. Globo, pp. 46-47).*

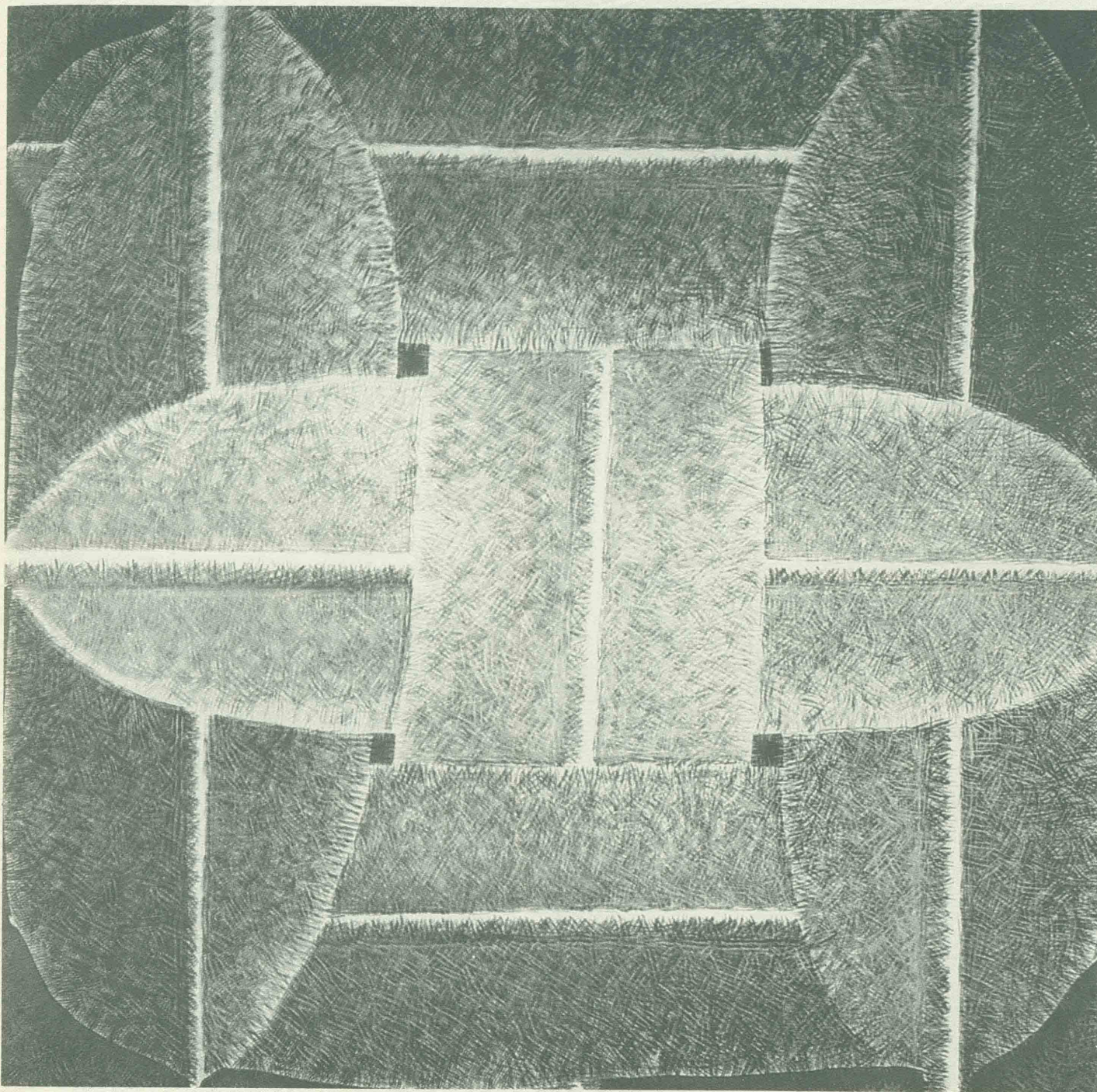
(...) e toda Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, da minha taça de chá.

(Proust - **No Caminho de Swann**)

Uma lembrança nada “restitui”. Ela multiplica as possibilidades do mundo, desdobrando os sentidos de um signo aparentemente idêntico a si mesmo. Ela lhe confere, de início, vidas diversas, nos contextos em que o situa; e, em seguida, revela, em sua própria unicidade, uma diferenciação e uma complexidade que não suspeitaríamos encontrar em sua fixidez aparente. Da superfície imediata de um traço perceptivo qualquer, mais ou menos raro, mais ou menos consistente, ela nos remete à profundidade das situações; e na dureza material de um objeto ela nos faz perceber o matiz e a sutileza de cada sensação. Um biscoito e uma taça de chá; uma cidade; a evidência de que o paladar sobrevive ao tato.

*Deponho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como? Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? Não apenas explorar; criar. Está em face de qualquer coisa que ainda não existe e a que só ele pode dar realidade e fazer entrar na sua luz. (Proust: **Idem**, pp. 45-46).*

Um signo; a busca de uma verdade; as exigências de uma criação. Uma lembrança, “apenas”, pode dar margem a um tal percurso: equação de uma obra; projeto de uma vida. Mas numa obra baseada no aprendizado dos signos (Deleuze: **Proust e os signos**, R.



Pinturas de Gilson Rodrigues

J., Ed. Forense-Universitária, 1987, p. 4), o que podem nos ensinar as lembranças? O que pode a dinâmica da memória nos dizer sobre a relação dos signos com a verdade?

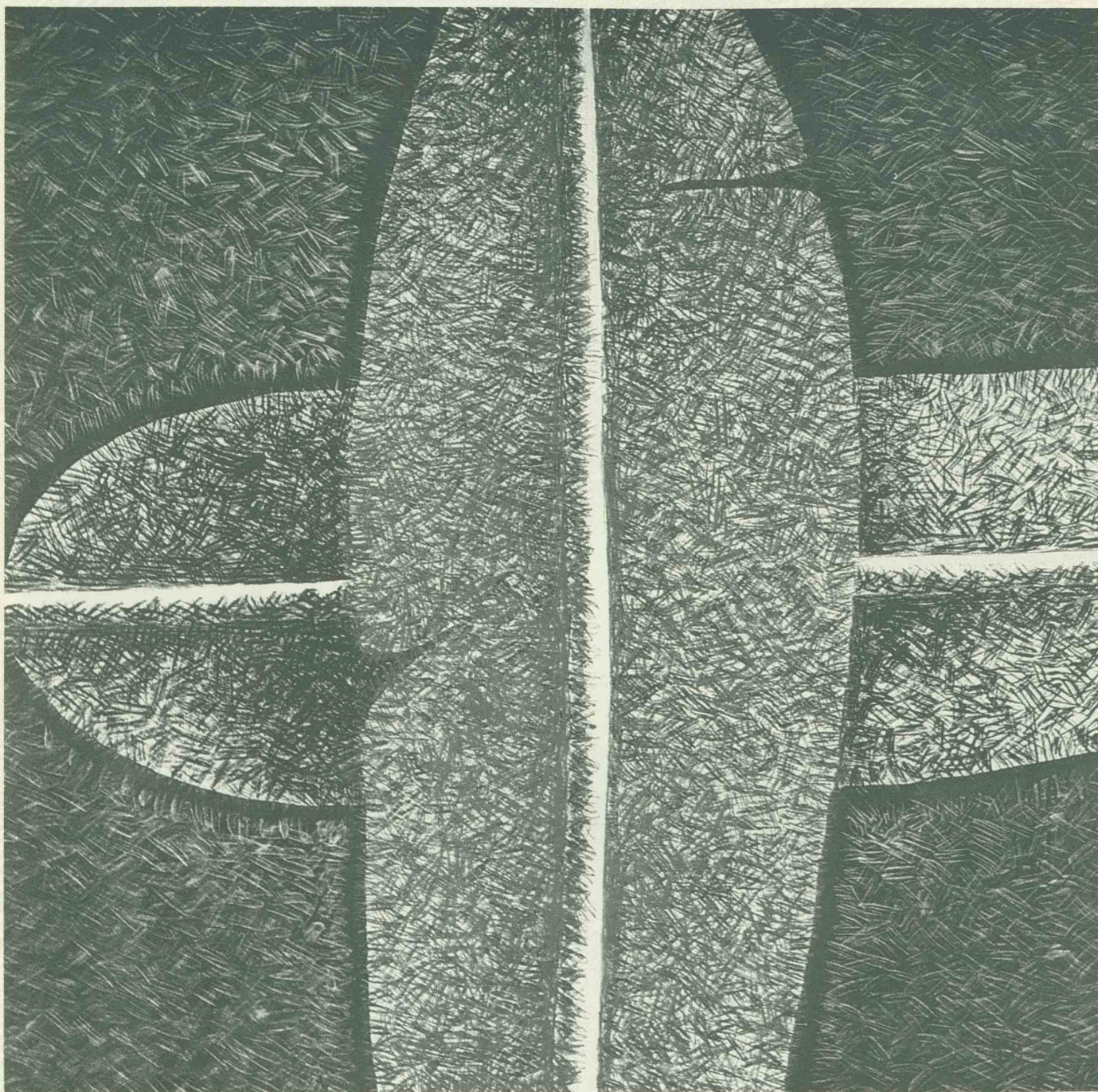
É certo que a **Recherche**, a busca, não é simplesmente um esforço de recordação, uma exploração da memória (Deleuze, p. 3), mas, se nos afastarmos da preocupação com uma hierarquia das faculdades, poderemos talvez perceber que a obra de Proust é, entre outras coisas, um esforço de redefinição da memória no contexto de uma busca da verdade. Se esta verdade nunca é o produto de uma boa vontade prévia, mas o resultado de uma

violência sobre o pensamento (Deleuze, p. 16), é porque ela é um valor, ou seja: a apropriação perspectiva de uma resistência; segundo um horizonte e um ponto de vista. Se o signo implica em si a heterogeneidade como relação (Deleuze, p. 22), se não se descobre nenhuma verdade, não se aprende nada, se não for por decifração e interpretação (Deleuze, p. 5), a exploração proustiana das relações entre os signos e a memória acentua esse caráter perspectivístico da verdade, das interpretações, dos signos e da própria memória.

Um aspecto particular desse perspectivismo é a relação essencial (Deleuze, p. 15) que a verdade tem com

o tempo, o “tempo perdido”.

Lembremo-nos, de passagem, que o tempo perdido não é simplesmente o tempo passado; é também o tempo que se perde (Deleuze, p. 3). Mas talvez caiba acrescentar que ele é também o tempo que não se “alcança”, aquilo que Heidegger chamaria de tempo essencial. Esse tempo essencial é o tempo originário, instituinte, o tempo da criação. Não é, portanto, por acaso que a busca da verdade, enquanto busca essencial, nos leva aos signos da arte — que não apenas representa o real, mas re-produz, com seus procedimentos, o movimento de realização de realidade próprio a toda objetivação. Mas a “essência” que nos é revelada na obra



de arte, esta essência que supera simultaneamente o objetivismo e o subjetivismo envolvidos na interpretação dos signos da vida, que *constitui a verdadeira unidade do signo e do sentido* (Deleuze, p. 38) e que nos abre um novo horizonte de possibilidades, só é acessível ao corpo através dos mecanismos perceptivos. Ela só é atingida, enquanto **pathos** que nos penetra, envolve e acaba por se confundir conosco (Cf. Proust: *Id.* p. 45), nesse instante total que funde “mundo” e “tempo”, através dos mesmos signos sensíveis que acionam os processos profundos da memória involuntária a partir daquelas *imagens inúmeras e diversas* *debaixo das quais há muito jaz*

morta a pressentida realidade (Proust: *Id.*, p. 154).

E exatamente porque eu acreditava nas coisas, nos seres, quando percorria aqueles caminhos, é que as coisas e os seres que eles me deram a conhecer são os únicos que ainda tomo a sério e ainda me proporcionam alegria. Ou porque a fé que cria se haja estancado em mim, ou porque a realidade só se forme na memória, as flores que hoje me mostram pela primeira vez não me parecem flores de verdade. (Proust: *Id.*, p. 158).

Se cada signo tem duas me tades: designa um objeto e significa alguma coisa

diferente (Deleuze, p. 27), do ponto de vista da interpretação, o que está em presença é secundário em relação ao que é ausente. Mas esta ausência só se atualiza de dois modos possíveis: ou na simulação estática dos registros ou na dinâmica da sedimentação operada pela memória. A própria memória voluntária, na medida em que *procede por instantâneos* (Deleuze, p. 57), funciona ainda como uma coleção móvel de registros estáticos, razão pela qual é possível afirmar que *o ser em si do passado* lhe escapa (Deleuze, p. 58), ou que *as informações que ela nos dá sobre o passado não conservam nada deste* (Proust: *Id.*, p. 44). A memória voluntária (memória verbal ou da

inteligência) opera segundo as regras do entendimento — segundo *essa coesão e unidade que só pertencem às criações de nosso espírito* (Proust: *Id.*, p. 118) — e, por isso, se predispõe a uma técnica; ao contrário da memória involuntária, que acompanha e amplia o perspectivismo da sensibilidade. A primeira, coordenativa e subordinativa, não nos dá acesso a esse universo da relação que a percepção revela — para além da gramática substancialista dos “seres” e “objetos” — ao mostrar as coisas, entre si, *mudando incessantemente para ficar sempre de acordo* (Proust: *Id.*, p. 147). As associações da memória involuntária, por sua vez, nos devolvem sensações e acontecimentos “vivos”, definidos pelo contraste, como figuras — sobre — um fundo, submetidas à dinâmica dos desvios, dos intervalos; entre luz e sombra, silêncio e som, signo e sentido: *como os sinos de convento, tão bem velados durante o dia pelos ruídos da cidade, que parece que pararam, mas que se põem a tanger no silêncio da noite* (Proust: *Id.*, p. 39). Daí porque seja inaceitável falar nos sedimentos da memória como se fossem depósitos (Deleuze, p. 26), posto que, na memória involuntária, o próprio processo de sedimentação é perspectivo e relacional a ponto de nos permitir, não propriamente um retorno ao passado, como reencontro de algo definitivamente fixado, mas uma espécie de arqueologia do vivido, que nos revela — entre diversas lembranças de diversos contextos — *diferenças de origem, de idade, de ‘formação’* (Proust: *Id.*, p. 160).

Se existe um aspecto radical na memória involuntária — essa capacidade de interiorizar a diferença (entre sensação e contexto), tornando-a imanente (Deleuze, p. 60) — isso não pode deixar de dizer respeito — essencialmente — àquela relação entre verdade e tempo de que falávamos antes. Em primeiro lugar, pela já assinalada

relação de abertura que, através da memória, nos conduz a um imaterial eterno-instante, a partir da evocação provocada por um objeto-signo, *uma dessas velhas coisas que exercem no espírito uma feliz influência, dando-lhe a nostalgia de impossíveis viagens pelo tempo* (Proust — *Id.*, p. 42). Esta imaterialidade do tempo só nos é acessível através da desmaterialização significante de algum objeto efetivo; o “objeto” mesmo, presente ao próprio passado em cada momento, é uma imagem do tempo total. Enquanto realização de realidade, ele exhibe a completude viva de seu inacabado acabamento e mostra o tempo aí, neste ciclo sem duração ou dureza. Em segundo lugar, pela superação dos causalismos da linguagem que acompanham a memória voluntária em suas explicações sobre nossos vínculos com o “mundo exterior”: da mesma forma que a *imobilidade das coisas que nos cercam talvez lhes seja imposta pela nossa certeza de que essas coisas são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento perante elas* (Proust: *Id.*, p. 13), *o fragmento do mundo exterior de que nos tornamos conscientes origina-se após o efeito exercido sobre nós pelo exterior, projeta-se logo após sob a forma de ‘causa’ atribuída a esse efeito”, mas tal “causa” não é senão “uma espécie de tateamento baseado nas anteriores ‘experiências interiores’, quer dizer, na memória* (Nietzsche: **Vontade de Potência**, § 265: “O fenomenalismo do ‘mundo interior’”). Em terceiro lugar, porque, nos estados induzidos pelos signos da memória (involuntária), *reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos* (Proust: **O Tempo Redescoberto**, 5ª edição, ed. Globo, p. 125), percebemos o caráter de latência do próprio inconsciente — que, num homem que dorme, *mantém em círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos* (Proust: **No Caminho de Swann**, p. 12) e explica o fato de que *o tempo forma diversas séries e comporta mais dimensões do que o espaço* (Deleuze, p. 26). Finalmente, por essa relação que faz dos signos sensíveis

que se explicam pela memória um *começo de arte* (Deleuze, p. 54) e que constitui a lembrança involuntária como *um pouco de tempo em estado puro* (Proust: **O Tempo Redescoberto**, p. 125). Se as reminiscências são *metáforas da vida*; as metáforas são *reminiscências da arte* (Deleuze, p. 55), não é apenas porque têm algo em comum por determinar uma relação entre dois objetos inteiramente diferentes “para os subtrair às contingências do tempo”; pois, à medida em que escapam à topologia linear do tempo cronológico e a sua aritmética dos transcurtos, tornam-se capazes de mergulhar na eternidade do tempo essencial.

A memória — em sua dinâmica profunda, involuntária — não é, certamente, a fonte do tempo, nem seu segredo, ou mesmo sua morada. Mas não deixa de ser, para nós, uma ponte para o seu movimento essencial. Na memória, o tempo são cristais de realidade, ciclos completos de instituição de acontecimentos, para além de suas moléculas de duração. Por essa razão, a memória opera espontaneamente uma espécie de meta-análise perspectiva dos seres, dissolvendo a objetividade monumental de sua substância no imenso caudal das relações de objetivação que os constituem. Ela nos abre, a cada instante atual, novas possibilidades de percepção, de imaginação, de fantasia e de experiência estética; e se nos remete às origens, não é por deter a guarda dos verdadeiros princípios, mas por exhibir em sua própria linguagem, o movimento originante de suas representações.

Monclar Valverde é mestre em História pela UNICAMP. Cursa doutorado em filosofia na UFRJ. É professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

LILITH

é meu cão
vampiro de mim
meu amor de guarda-chuva

LILITH

é o abismo
dos meus desejos
o sangue que me lambuzo
o ódio contido
a vontade derramada

LILITH

é o meu Deus
com boca de éter
trancado em cofre
de casca de ovo
e cadeado de pérola

LILITH

é o meu medo
brincando de
esconde-esconde
em canteiros de luas

LILITH

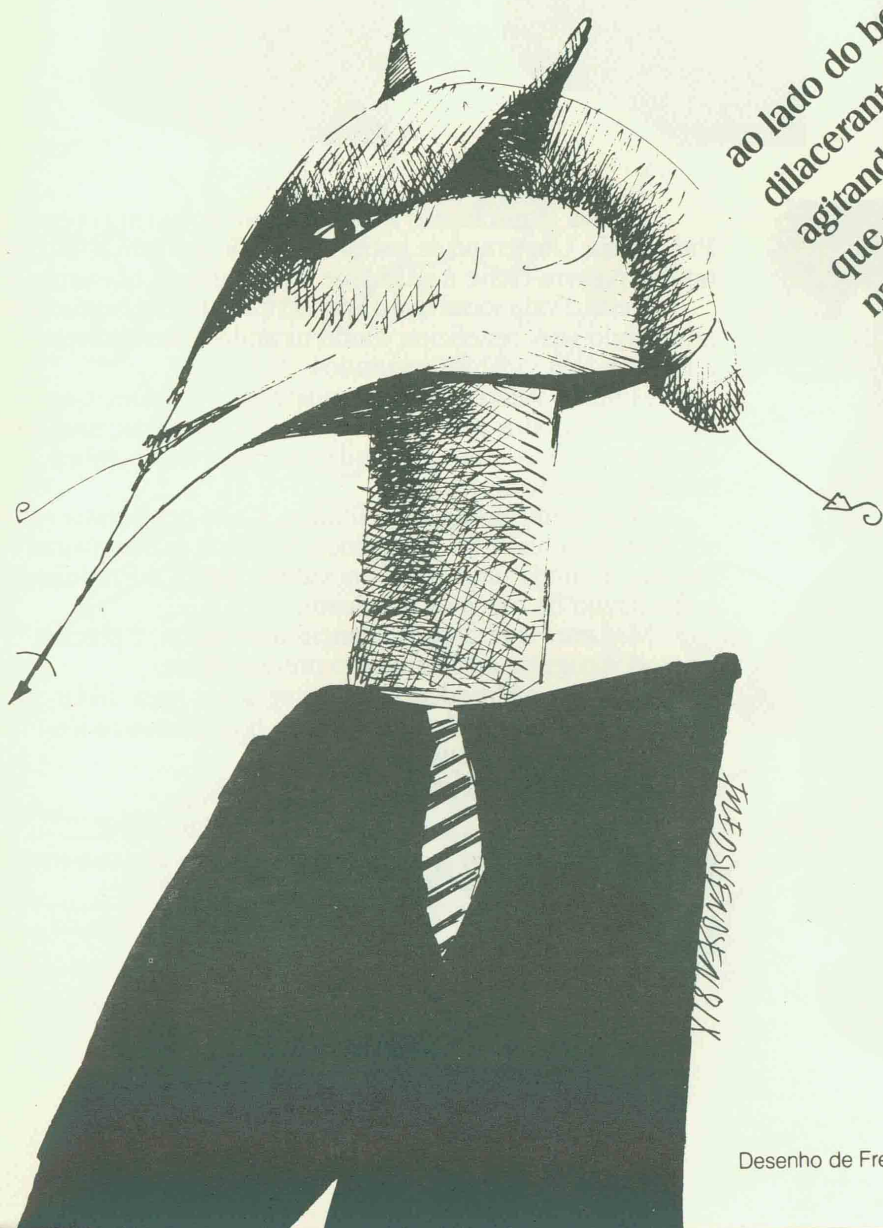
é a moldura
sem espelho
da cara da minha alma.

A MORTE ESCULPIDA EM CHUMBO
Um tiro desperta a tarde
e a morte esculpida em chumbo
vaga errante pelos capinzais.
Um canário mata o tempo
com os tons fatais
de indecifráveis canções.
E o poente jorra borbulhante
dos papos estourados de azulões.

CRUZ DAS ALMAS CITY BLUES,

dilacerantemente escura
pela tarde fustigavam meus olhos a mesa de jantar
a mesma mesa de flores esverdeadas pela tua loucura
espreitando meigamente meus seios inexplorados.

sua essência amar
ga como losna-maior
esta amпуheta mede uma fração de artemísias...
ao lado do beliche furtivamente A Lua e os animais, de Jorn
dilacerantemente escura
agitando inefável faca insetos ilimitados
que não acontecem habitualmente
na investigação do espanto
tenho poder sobre os bichos da tarde.



Nelson de Magalhães Filho nasceu em Cruz da Almas, Bahia, Formado em Artes Plásticas, publicou As Luminárias (82), Anjos Baldios(88), Imagens do Porão (89).

A PREVIDÊNCIA MUDOU. PAGUE PRA VER.



A nova Constituição inaugurou um novo tempo para a Previdência. Um tempo de justiça social e de distribuição da renda onde a palavra-chave é igualdade para todos os brasileiros.

É esta dívida social que a Previdência está resgatando agora, ampliando seus benefícios, modernizando o atendimento e facilitando a vida dos segurados.

Hoje, os valores das aposentadorias e pensões, que estavam defasados pela inflação, foram corrigidos: equivalem agora ao mesmo número de salários-mínimos da época em que foram concedidos.

O atendimento também mudou. Cada pensionista recebe seu benefício sem filas, na agência bancária mais próxima de casa. E ainda uma grande novidade: agora a Previdência é um direito de todos os brasileiros.

Mas para que essas mudanças aconteçam, é preciso que todos paguem a contribuição previdenciária.

Só assim a Previdência vai ter recursos para saldar sua dívida com a comunidade, levando o bem-estar a todos, sem exceção. Faça a sua parte.

Pague à Previdência.

PREVIDÊNCIA



MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA
E ASSISTÊNCIA SOCIAL

IAPAS

INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA
PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL

**GOVERNO FEDERAL
TUDO PELO SOCIAL**

Capoeira Angola/Resistência Negra

Apresentação

O Grupo de Capoeira Angola Pelourinho traz ao público um importante registro no que tange à Capoeira Angola, como parte do resultado de um trabalho de pesquisa do GCAP, voltado para o resgate da memória e dos princípios que fazem desta arte uma das mais autênticas expressões de resistência do negro no Brasil.

A importância deste trabalho recai portanto em falar de capoeira diferentemente — não nos interessa citar nomes de golpes ou de toques de berimbau — percebendo-a dentro de um contexto sócio-político que lhe é pertinente, na formação da sociedade brasileira.

I — Introdução

Se tivéssemos que mapear, no continente africano, uma distribuição mais objetiva dos diversos grupos étnicos, teríamos, de forma concisa, uma África não-bantu, especificamente o norte africano, e uma África bantu representando toda parte do continente localizada ao sul da linha do Equador. Isso nos leva a afirmar a presença majoritária de negros bantu no Brasil — retrato fiel do comércio de escravos estabelecido pelos portugueses, principalmente, por mais de três séculos, na costa ocidental da África, com destaque para o mercado angolano.



Desenhos de Carybé

A colonização portuguesa estabeleceu um Brasil direcionado ao latifúndio, à monocultura, bem como à mão-de-obra escrava e paradoxalmente, o tráfico dessa mão-de-obra e contribuiu para que hoje ainda tenhamos resquícios de uma cultura incompreendida e conseqüentemente, marginalizada a ponto de encontrarmos dentro da chamada cultura brasileira, elementos de origem bantu incorporados à língua, à culinária, à música, à dança, etc. mesclando de forma objetiva nossos costumes e nosso cotidiano.

E foi dentro dessa sociedade opressora dos valores desses negros, que a capoeira percorreu séculos, expressando-se enquanto resistência à vida sem liberdade. Sua presença ficou evidenciada nas ruas, nas matas, no KILOOMBO, no cais, nos guetos, etc.

A capoeira foi destaque em vários momentos da história do Brasil, servindo de massa de manobra na Guerra do Paraguai, servindo ao negro na luta contra o branco opressor ou, ainda, servindo aos interesses de grupos políticos, sob promessa de emancipação daqueles que a praticavam, o que nunca aconteceu, mantendo o negro capoeirista na mesma condição dentro da sociedade, como se evidencia até hoje.

II — Capoeira Angola: Aspectos Religiosos e Filosóficos

a) A visão de mundo religioso do negro africano

Na imaginação do homem africano, não existe filosofia ou arte

distante do sagrado. O mundo religioso penetra em todos os outros mundos da cultura africana. Sendo assim, o que é arte e filosofia é também religião. Os mundos se harmonizam e se combinam num só.

Geralmente, as pessoas ficam muito curiosas com essa religiosidade na capoeira e perguntam: "Existe alguma ligação entre capoeira e religião?". A princípio é muito difícil responder esse questionamento, mas, se consegue quando se situa a capoeira como manifestação cultural herdada de africanos. A capoeira, enquanto prática do homem africano, assentada numa ancestralidade africana, se incorpora intrinsecamente dessa religiosidade. Os cânticos da capoeira estão repletos de pedidos e saudações feitas a esse mundo sagrado do além-roda. Um capoeirista, atento para

Introdução

O Brasil não conhece a África, mas a África sabe bem do Brasil
(Gonzaguinha-Tanacara)

Sabemos que durante a Idade Média, os portugueses traficaram vários escravos da África para diversas partes do mundo. Nessas capturas desumanas e sem pudor muitos negros morreram de BANZO, maltratos, enquanto outros se suicidaram por não aceitarem a retenção de sua liberdade. Mas ao chegar ao Brasil muitos irmãos nossos foram vendidos, estuprados, perseguidos e castigados por "Capitães do Mato" e por escravocratas. Os negros não eram covardes, nem pacíficos como transpuseram através dos tempos a classe dominante.



essa religiosidade, não entra numa roda de capoeira sem antes pedir proteção a seus deuses: alguns pedem a Orixás, outros a Deus e outros aos NKISI.

Reforçando essa religiosidade a capoeira tem sua origem num ritual de iniciação feminina africana. É tese, já pouco contestada, que a capoeira tem sua origem na África, mais especificamente, em Angola. Portanto a capoeira não é manifestação da chamada cultura brasileira. Surge a questão: "Por que não existe capoeira em Angola?". Uma das questões mais pesquisadas pelo Grupo de Capoeira Angola Pelourinho é a respeito dessa origem. E descobrimos o NGOLO como uma manifestação de iniciação do sul de Angola, com movimentos muito parecidos com os da tradicional Capoeira Angola. A África tem uma tradição de casamento por dote e o

NGOLO era uma manifestação de isenção, ao noivo, desse dote. O noivo seria aquele que mostrasse melhor performance corporal durante o cerimonial do NGOLO. Era um rito de passagem para o ser mulher e se inseria dentro do processo de iniciação feminina.

Angola foi, durante três séculos do escravismo brasileiro, a maior fonte fornecedora de escravos. Trazidos para o Brasil na condição de escravos, os negros angolanos adaptaram o conhecimento e a memória da sua manifestação de homem livre, o NGOLO, à ânsia de liberdade. Assim a capoeira surge no Brasil, na necessidade dos escravos de Angola se defenderem dos feitores na SENZAALA e ir construir sua resistência no KILOOMBO.

Nesse momento, o NGOLO possuía uma característica mais predominante de dança. O aspecto marcial foi mais acentuado no Brasil. E nesse movimento da capoeira, vê-se que ela teve sempre um processo de transformação diante das várias realidades que a cultura negra viveu desde a África até a modernidade histórica do Brasil. Sobre isso, encerra-se com o mestre João Pequeno nos contando:

... desde que chegou aqui no Brasil, que a capoeira começou a ter transformações (...) Eu não sei, não tenho muito conhecimento dos golpes, mas quando nada no nome, foram transformados, porque era a capoeira uma dança. Era uma dança mas (...) pelo que se vê ela já tinha todos esses golpes na dança, por isso foi proibido de fazer na SEENZALA; os senhores

Acontece que foi o ferro que trouxe o negro da África para o Brasil, e foi o mesmo ferro que o manteve aqui. Os padres católicos não ajudaram os negros a resistir a escravidão, porque eles eram escravocratas e proprietários de escravos. O "candomblé" e a "capoeira", foram duas das formas de resistência a escravidão porque foi com a religião e com a capoeira que muitos negros conseguiram subsistir e se impor num mundo hostil e indigente.

Eles procuravam com a proteção dos orixás forças para dar início às suas atividades bélicas. A escravidão no Brasil ainda não acabou, apenas mudou o cenário e os personagens, porém a novela continua a mesma.

A situação do negro fica mais definida no Sul dos Estados Unidos ou na África do Sul, onde existe uma clara oposição entre negros e brancos. Na América Latina não é assim, o que existe é um racismo camuflado. No Brasil, as pessoas tentam aproximar-se do tipo europeu, isto é, são possuídos pela ideologia do branqueamento, ficando alienadas de sua própria realidade.

Capoeira:

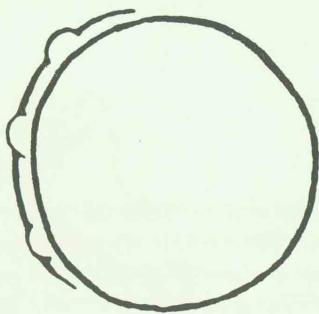
O termo — O vocábulo.

Capoeira aparece registrado pela primeira vez em 1712, por Rafael Bluteau, em seu livro "Vocabulário Português" seguido por Antonio Moraes Silva e outros. (1).

1(1 — Bluteau, Rafael — "Vocabulário Português e Latino", Coimbra. Collégio das artes da C. de Jesus / Ano 1712, vol. II, p. 129; Silva, Antonio de Moraes — Dicionário da Língua Portuguesa, Lisboa, Typografia Lacerdina 1813, Tomo I, pag. 343). Daí em diante surgem polêmicas e investigações acerca do termo.

Antônio Joaquim de Macedo Soares, faz contestações quanto as proposições apresentadas por José de Alencar, que atribui o

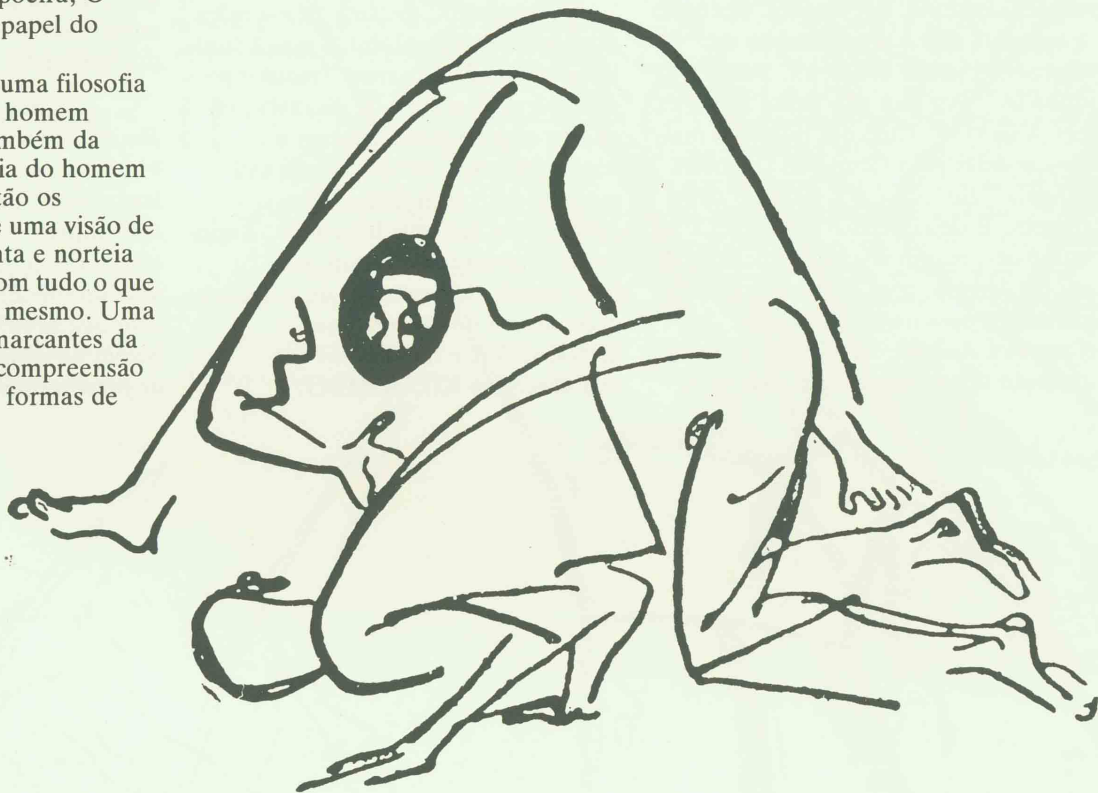
tinham muito medo e proibiram os negros de fazer essa dança na SEENZALA.



Eles iam para o mato e lá iam treinar capoeira, por isso a capoeira ganhou o nome de capoeira. Capoeira na linguagem dos índios é mato e aí ela ganhou esse nome.

b) A filosofia da capoeira; O processo de iniciação; O papel do mestre.

Assim como existe uma filosofia do homem europeu e do homem asiático, pode-se falar também da existência de uma filosofia do homem africano. Dentro dela estão os elementos formadores de uma visão de mundo própria que orienta e norteia a relação desse homem com tudo o que está a sua volta e consigo mesmo. Uma das características mais marcantes da cosmovisão africana é a compreensão da vida em todas as suas formas de



Tupi CAA-APUAM-ERA, traduzido por mato cortado, e pelo Visconde de Rohan de que o tupi Copuera, significando "roça velha", viesse a se transformar no termo capoeira. (2).

2 (2) — Alencar, José de — O Gaúcho. Nova Edição, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s/d. pág. 239; Rohan, Henrique de Beaurepaire — Reforma da ortografia Portuguesa In Revista Brasileira, N. Midosi Editor, Rio de Janeiro, 1879, tomo II, pág. 426). Baseado no fato de que o Visconde não explica essa transformação do termo, Macedo escreve: "*Capuera*, *capoera* é pura e simplesmente o guarani caá — puera, mato que foi, atualmente mato múdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou". (3).

3 (3) — Soares, Antonio Joaquim de Macedo — Estudos Lexicográficos do dialeto brasileiro

— In Revista Brasileira, N. Midosi Editor Rio de Janeiro, 1880, ano I. Tomo III, pag. 228). Ocorre que, se puera, não pode significar ao mesmo tempo o que foi e o que é (passado e presente), já que puera é sempre a expressão do pretérito. Como atribuir o significado a um acidente florestal que vive atualmente? (4).

4 (4 — Rego, Waldeloir — Capoeira Angola Ensaio Sócio-etnográfico, Salvador, Editora Itapuã, 1968, pág. 19). Waldeloir Rego, neste sentido diz que o vocábulo correto é có-puera e a transformação deste em capueira é uma questão de abreviação das palavras, tais como aruá em aluá, tobatinga em tabatinga, caryboca em cariboca, có-puera em capoeira. Os tupinólogos são unânimes em aceitarem o Étimo caá-mato, floresta virgem,

mais puera (o que foi, o que não existe mais).

No Brasil há uma ave chamada capoeira (ondontophorus capoeira Spix) que tanto é encontrada no Paraguai como no Sul da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Sul de Goiás, Sudoeste do Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (8).

8 (8 — Pinto, Olivério M. de Oliveira — "Catálogo das aves do Brasil- In Revista do Museu Paulista, São Paulo, Tomo XXII, 1938 pág. 104-105).

Esta ave é também chamada URU, anda sempre em bandos e no chão. Tem um canto singular no amanhecer e no anoitecer. A referida ave, na opinião de Macedo

expressão como dotada de vários aspectos em constante relação, quais sejam: o artístico, o religioso, o econômico, o pessoal, etc. Não existe separação rígida ou oposição entre esses elementos.

A capoeira, como uma manifestação que tem raízes na cultura africana, tem no seu fundamento preceitos que orientam, de uma maneira também própria, a visão de mundo daqueles que a praticam. É claro que esses princípios construídos pelo negro numa situação de liberdade sofreram transformações com a escravidão a que foram submetidos. Uma prática de homem livre se transformou numa prática em prol da liberdade. Foi também, de dentro da capoeira, que saíram os elementos que ensinaram e ajudaram o negro a conviver com a dura realidade da escravidão, resistir e sobreviver. A ginga do corpo, a versatilidade, o jogo

de cintura aprendidos através da capoeira serviram para preparar o negro para a vida.

O capoeirista atento aos princípios da arte que pratica, sabe transportar o conhecimento adquirido simbolicamente na roda de capoeira para a grande roda que é a vida. Saber nela se conduzir, o momento certo de avançar e também de fugir. É um aprendizado, por certo, difícil, e que provavelmente não tem fim. Esses princípios, intrínsecos da capoeira, são formadores da sua filosofia e parte fundamental e vital da sua existência.

O aprendizado da capoeira não se limita ao domínio dos golpes e movimentos, abrange a totalidade do Ser e nesse sentido se caracteriza como um processo de iniciação. A aquisição do conhecimento se dá de uma forma específica, lenta e gradual, onde é fundamental a convivência e o respeito para com o mestre, responsável por

transmitir, dosadamente, esse conhecimento à medida que o discípulo tenha condição de absorvê-lo.

O título de mestre, de acordo com a tradição da capoeira, é dado por reconhecimento da comunidade àquele que, além de dominar muito bem o jogo, o canto e o ritmo da capoeira, tem a condição de transmitir seu conhecimento a outras pessoas. Utilizando-se do próprio corpo e da palavra, o mestre encaminha o discípulo para o jogo da capoeira e também para a vida.

Mestres, como Vicente Ferreira Pastinha, tornaram-se conhecidos e respeitados por sua sabedoria sem nunca haverem passado pelos bancos de faculdade e sem jamais terem tido acesso aos recursos do conhecimento formal.

A herança valiosa que um mestre detém é adquirida ao longo dos anos de uma vida inteira dedicada ao

Soares é uma “pequena perdiz” de corpo cheio, listrado de amarelo escuro. Trata-se de uma caça muito procurada. Os caçadores do mato e os moleques pastores ou vigiadores de gado comunicam-se uns com outros através do canto da ave, que também utilizavam para chamar o gado. Dessa forma o escravo que assim procedia era chamado capoeira.

O jogo da capoeira tem sua ligação com a ave do mesmo nome. O macho da ave é muito ciumento e por isso trava lutas tremendas com o rival, que ousa penetrar em seus domínios. Partindo dessa premissa, os passos de destreza desta luta, “as negaças”, foram comparadas com os passos dos negros que na luta simulada para divertimento lançavam mão da agilidade.

A origem portuguesa —

ao lado do vocábulo de origem brasileira, há o português, significando dentre outras coisas cestos para guardar capões. Dessa forma Adolfo Coelho passa a derivar o vocábulo de capão mais o sufixo **eira**, seguido por cortesão, limitando-se apenas a fazer a derivação sem qualquer outra explicação. (10).

10 (10 — Coelho — Francisco Adolfo — Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa. Plantier — Editora, Lisboa s/d pág. 204). Entretanto já no dicionário da Língua Portuguesa, elaborado para a Academia Brasileira de Letras, (11), inclui sob a mesma origem, capoeira (jogo) e capoeira o homem que pratica o jogo da capoeira, sem contudo ainda explicar o que determinou o étimo.

11 (11 — Antenor

Nascentes, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa com prefácio de W. Meyer-Lukbe, Rio de Janeiro, 1932, pág. 15). Brasil Gerson, historiador das ruas do Rio de Janeiro, fazendo a história da Rua D. Manoel informa que lá ficava o nosso grande mercado de aves e que nele nasceu o jogo da capoeira, em virtude das brincadeiras dos escravos que transportavam na cabeça as **capoeiras** cheias de galinhas.

12 (12 — Brasil, Gerson — História das ruas do Rio de Janeiro, 3.ª edição, Rio de Janeiro, Editora, pág. 31). A partir dessa informação, Antenor Nascentes, um dos pioneiros dos estudos etimológicos, propôs que este étimo significasse jogo atlético, assim como o praticante do mesmo. (13).

13 (13 — Nascentes, Antenor — carta do autor de 22-02-66,

ensinamento da capoeira angola. É somente nesse exercício de formação que o mestre se prepara e aprende, com a versatilidade da própria capoeira, ao agir de maneira diferenciada com cada discípulo.

As regras pré-fixadas, e os limites rígidos de tempo para o aprendizado da capoeira são inovações recentes, surgidas com a criação de novos estilos de capoeira, que vão totalmente de encontro aos princípios mais fundamentais da capoeira. Surgiram em função de atender aos interesses econômicos daqueles que buscavam, em pouco tempo e de maneira mais fácil, conseguir uma forma proveitosa de ganhar a vida. Nesse processo, adequado à formação em massa de mestres, se esvaziou de significado o título tão importante de mestre de capoeira e muito se perdeu dessa tradição. Um exemplo claro disso é o surgimento da figura do professor,

elemento intermediário entre o aluno e o mestre. Seu conhecimento adquirido no menor tempo possível, tem um caráter meramente técnico e adapta o ensinamento da capoeira às exigências de mercado das academias de cultura física.

Por outro lado, perdem cada vez mais espaço os mestres antigos que, desprovidos da condição econômica e acadêmica, vêm sendo desrespeitados e relegados ao esquecimento, deixando de dar continuidade à cadeia de transmissão pela qual eles eram responsáveis.

III — Tradição como Resistência

A forma mais evidente de resistência do povo negro no Brasil caracteriza-se pela manutenção das suas tradições. Nesse sentido, a capoeira angola, ao resistir a todo o

processo de “modernização” imposto por uma sociedade a caminho da industrialização, sofre perseguições expressas nas mais variadas formas. Seus princípios, sua filosofia, sua concepção de mundo pôde ser mantida por aqueles que a partir de um compromisso ideológico contra as mais diversas formas de opressão, acreditaram na capacidade da capoeira de expressar-se enquanto movimento de libertação.

A década de 30 foi crucial ao percurso da capoeira, na história do Brasil. O surgimento de diversas artes marciais, de origem oriental, fez com que a capoeira fosse utilizada para atender aos desejos daqueles que viam-na apenas como uma prática exótica de movimentação do corpo. A partir daí, estruturou-se um novo código, com a capoeira mesclada pela

Rio de Janeiro). Já Waldeloir Rego concorda com a etimologia adotada por Brasil Gerson, nas suas histórias de ruas do Rio de Janeiro, em que os escravos traziam capoeiras de galinhas para vender no mercado, enquanto ele não se abria divertiam-se jogando capoeira. Por uma metonímia respropersona, o nome da coisa passou para a pessoa com ela relacionada.

O vocábulo capoeira e suas diversas acepções está espalhado em todo território nacional. No entanto, lembramos que Alberto Bessa inclui na sua “A Gíria Portuguesa”, o vocábulo capoeira significando “Jogo de Mãos, pés e cabeça praticado por vadio de baixa esfera (gatuno)”. (14).

14 (14 — Bessa, Alberto — “A Gíria Portuguesa”/Esboço de um dicionário de “Calão” contendo uma longa cópia dos termos e frases empregados

na linguagem popular de Portugal e do Brasil. Livraria Central de Góes de Carvalho, Lisboa, 1901, pág. 7). Quanto as outras acepções sobre o vocábulo capoeira, Waldeloir Rego fez um levantamento em seu livro Copoeira de Angola.

Capoeira de Angola:

Falar em capoeira Angola aqui no Brasil, especialmente na Bahia, causa muita polêmica, porque existem vários questionamentos a respeito de sua origem. Há por exemplo historiadores que nos leva a crer, que a capoeira é de origem brasileira, do mesmo modo existem outros que em suas pesquisas dizem que a capoeira é de origem africana, especificamente de Angola. Todavia, ainda lhes faltam documentações precisas para comprovar concretamente e cientificamente ambas afirmações, pois o conselheiro Rui Barbosa mandou queimar todos os documentos relativos a escravidão.

Sobre a transplantação da capoeira para o Brasil, Waldemar de Oliveira em seu livro “Frevo, capoeira e passo” registrou uma série de opiniões:

“Édison Carneiro supõe que a capoeira nos teria vindo de Angola. Lamartine P. da Costa acredita que sua forma primitiva chegou ao Brasil com os Bantos, originários da África Ocidental. Por fim Luís da Câmara Cascudo afirma ter sido trazida pelos Bantos — Congo-Angolezes que praticavam danças litúrgicas ao som de instrumentos de percussão transformando-se em luta aqui no Brasil. (15).

15 (15 — Oliveira, Waldemar - Frevo, capoeira e passo, Recife Cia. Editora.

Um ponto de vista é quase uniforme entre os historiadores, no que concerne à hipótese de terem vindo de Angola os primeiros escravos, assim

presença de golpes de outras lutas; com isto, subjetivamente, buscava-se neutralizar a capoeira como arma de libertação.

A política cultural, adotada no Brasil, só nos tem mostrado o descaso para com as pessoas que detêm o conhecimento informal de qualquer cultura, em especial se relacionada ao legado africano. Algumas pessoas justificariam tal afirmação como sendo, complexo de inferioridade ou mais uma manifestação do racismo, mas tais justificativas caem por terra quando observadas a situação de total miserabilidade em que morrem os mestres de capoeira, sambistas, pais ou mães-de-santo famosos, além da situação social dos que ainda estão vivos.

Teríamos, caso este trabalho não fosse uma síntese dos fatos concernentes à capoeira, vários exemplos de mestres

desta arte, vivos e falecidos, que muito deram de suas vidas pela cultura no Brasil, mas foram ou estão esquecidos até por aqueles que enriqueceram graças ao gingado de corpo e informações dadas por estes mestres para defesa de teses, publicação de obras, filmes, etc. Estamos falando dos mestres: Pastinha, Bimba, João Grande, João Pequeno, Valdemar, Cobrinha Verde e outros.

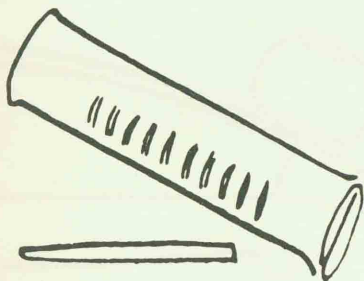
São constantes os convites a esses mestres para viagens ao exterior, onde eles são filmados, gravados, fotografados, e, após toda essa contribuição eles retornam para o Brasil, na mesma condição em que saíram, enquanto os usurpadores enriquecem publicando livros, gravando ou expondo fotografias em bienais, etc.

O abuso é mais acentuado quando esses mestres têm cerceados o direito de fazer capoeira como lhes foi passado pelos seus ancestrais e são obrigados a fazer "capoeira para turista ver", ou até

são castrados de fazer o que eles mais sabem — jogar capoeira — só sendo mostrados ao público consumidor, como "coisa do passado".

A formação de grupos folclóricos muito contribuiu para o esvaziamento do sentido étnico cultural das manifestações de origem africana no Brasil, tendo a capoeira como exemplo. O objetivo desses grupos é usar a música, a dança, o movimento, os "preceitos" da cultura africana, na diversão daqueles que pagam para ver o negro dentro de uma realidade que não é a dele, mas transformar a sua cultura, com o objetivo de enriquecer os empresários de turismo, que vêem na cultura negra o mais rentável cartão postal da Bahia.

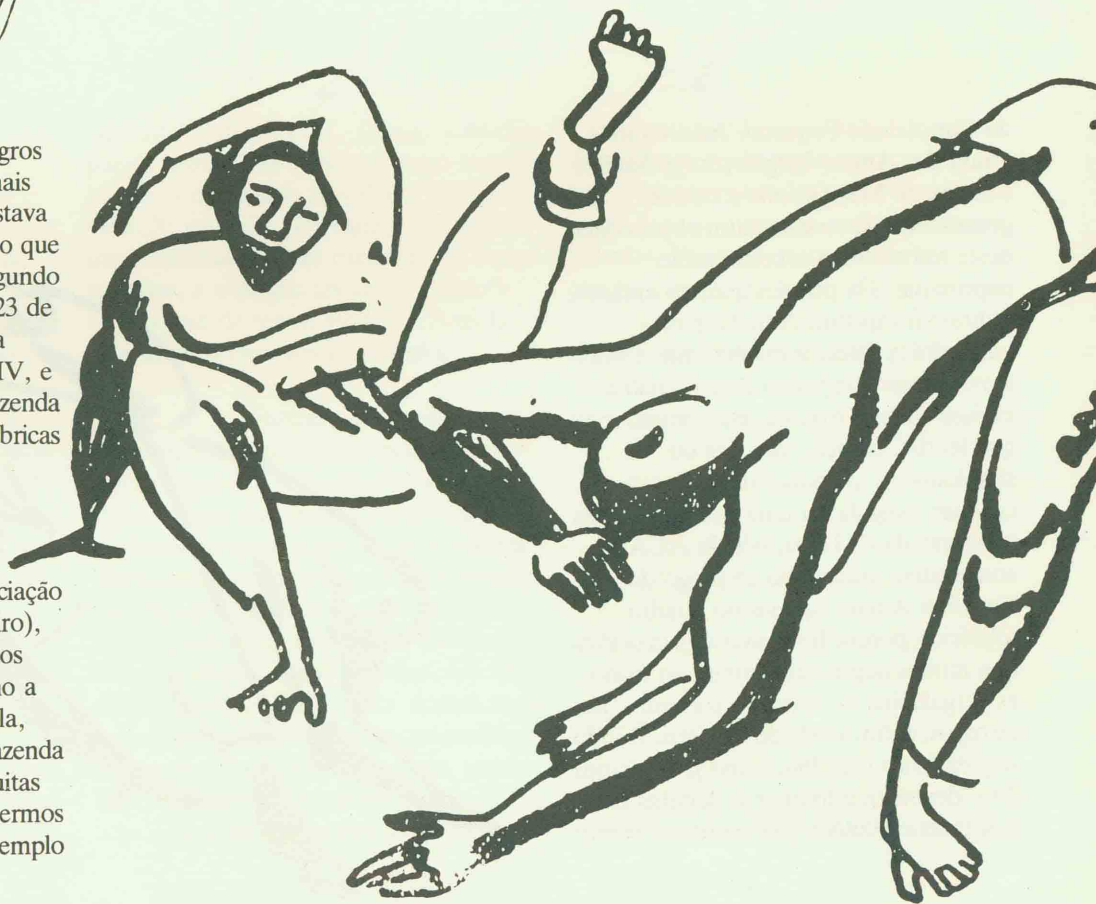
A capoeira nunca esteve dissociada da realidade do povo negro, e neste sentido muitas foram as formas em que ela foi mostrada. A partir do momento em que se tentou conceituar a capoeira, supervalorizando uma das suas



como ser de lá a maior safra de negros importados. Angola era o centro mais importante da época e atrás dela estava Benguela. Angola foi para o Brasil o que o oxigênio é para os seres vivos e segundo Taunay (16), em uma consulta de 23 de janeiro de 1657, os conselheiros da Rainha regente, viúva de D. João IV, e também membros do Conselho da Fazenda diziam que Angola era o nervo das fábricas do Brasil.

16 (16 — Afonso E. Taunay, op. cit. pág. 211).

Para nós da ACANE (Associação de Capoeira Navio Negreiro), que vimos durante três anos desenvolvendo um trabalho a nível de resgate da Capoeira Angola, juntamente com a comunidade da Fazenda Grande do Retiro, após lermos muitas pesquisas sobre capoeira Angola e termos conversado com muitos mestres a exemplo



características, seja ela: dança, luta, esporte, folclore, só se contribuiu para a descaracterização e distanciamento dos seus valores filosóficos.

A adoção do batizado, seguido da graduação, através do uso de "cordéis" coloridos, ilustram a limitação da capoeira dentro de uma das suas características: esporte. Tal prática deu origem a um violento comércio no mundo da capoeira, assim como tem servido para que o título de mestre venha perdendo seu real significado.

Hoje em dia tem muitos mestres e pouca capoeira
(Mestre João Pequeno)

Sabendo-se da existência da capoeira original e de uma capoeira que passou a existir a partir do desinteresse da sociedade opressora para que os valores de resistência do povo oprimido, percebe-se a presença de aspectos dicotômicos na condução do sentido ideológico da capoeira, a saber:

Cooperação	X	Competição
Equilíbrio	X	Força física
Análise Social	X	Reprodução social
Malícia	X	Violência
Disciplina	X	Autorismo
Respeito	X	Medo
Tradição	X	Modernidade

A compreensão de uma distância entre esses aspectos dá ao aprendizado da capoeira, uma visão de mundo, expressa na percepção de tempo e espaço e, conseqüentemente, uma forma de resistência que sempre esteve ao lado do negro que buscando vencer as mais diversas formas de opressão que a sociedade lhe impõe.

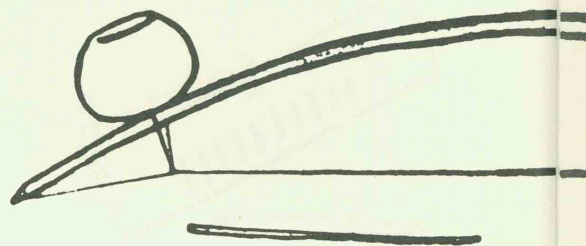
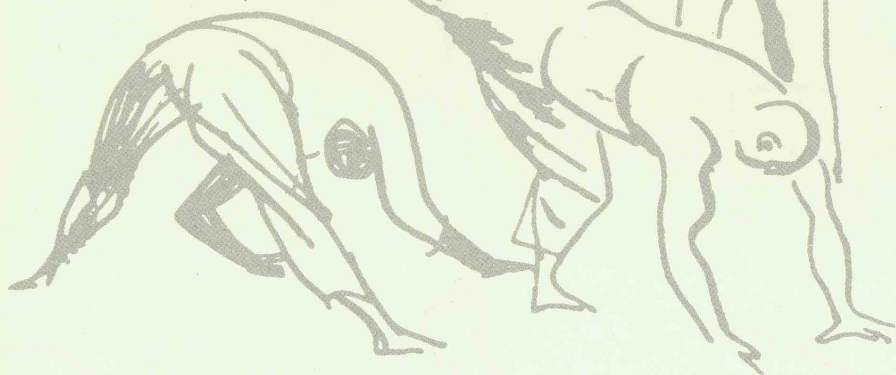
IV. — Conclusão

Durante quatro séculos a praça de escravos da região bantu de Congo e Angola, foi o maior mercado de escravos dentro da África Ocidental, o que nos leva a perceber que grande contingente de negros retirados da África era de etnia

bantú. Um outro dado é perceber que o negro no Brasil, e em especial o negro bantú, vai sofrer duplo processo de discriminação. Um, imposto pelo branco opressor e outro dado pela hegemonia da cultura yorubá. Tal hegemonia coloca para nós, através de publicações, que a não expressão dos valores da cultura bantú no Brasil, se deu em função de sua pouca capacidade de expressão.

Sabe-se que as maiores expressões da cultura africana no Brasil são de origem bantú. A capoeira, o samba, o uso da medicina herbácea, trazida para o Brasil pelos negros, têm dentro desta cultura seu código maior de identificação. No nosso cotidiano, conhecemos palavras reconhecidamente bantú, como: cabula, caçula, cabaça, mabaça, samba, quilombo e outras que, no entanto, são dados dentro da história do Brasil como sendo de origem portuguesa ou yorubá.

O Grupo de Capoeira Angola Pelourinho questiona essa visão, ao



de Curió, João Pequeno, João Grande, Paulo dos Anjos, Virgílio, Jorge Satélite e Jaime de Mar Grande e outros, gostaríamos de ressaltar com objetividade neste trabalho um aspecto muito importante. Há pessoas que, no entanto, utilizam a capoeira Angola para enquadrá-la folcloricamente, mas é bom lembrar que a capoeira Angola não é exclusivamente folclore, ela é muito mais que lendas, crenças, canções ou simplesmente costumes de um povo. A capoeira Angola foi uma das resistências "à escravidão". Logo, nós da ACANE contestamos quanto ao emprego da Capoeira Angola apenas no quadro folclórico, porque foi através de sua prática que muitos negros subsistiram ao tronco, as gargalheiras de ferro, as correntes, aos estrupos, enfim a vida de escravos. Dando seqüência ao trabalho, como já havíamos dito, depois que fizemos as leituras das pesquisas executadas por escritores como:

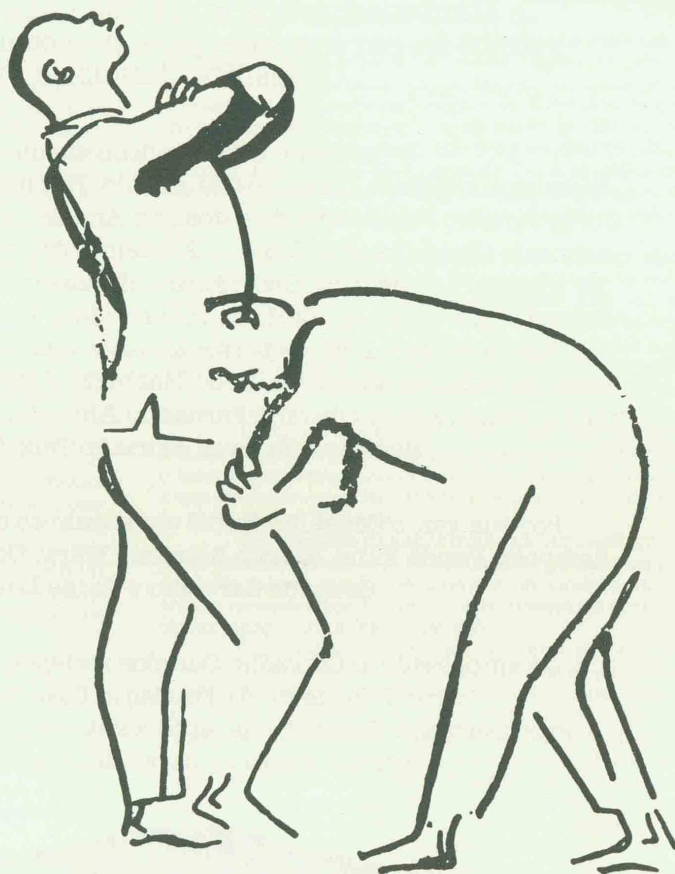


tempo em que trabalha a questão da capoeira como resistência, na busca de resgatar a história dos povos bantu no Brasil, tornando público os valores deste imenso legado cultural.

A revalorização da capoeira angola, enquanto arte criativa, dotada dos seus valores filosófico-religiosos, como vemos, é somente um aspecto de uma luta muito maior, pela revalorização da cultura bantu.

Grupo de Capoeira Angola Pelourinho

Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, fundada em 1982, tem sua sede no Forte de Santo Antonio Além do Carmo, Salvador, Bahia.



Edison Carneiro, Lamartine P. da Costa, Luís da Câmara Cascudo, Waldeloir Rego, Afonso Taunay, Waldemar de Oliveira e termos conversado com os referidos mestres de Capoeira Angola, resolvemos tirar as nossas próprias conclusões em torno do assunto, e salientar aqui as nossas idéias, após o trabalho de leitura e conversação a respeito de Capoeira Angola. Ao lermos sobre o “Ngolo” ou seja, dança da Zebra de origem dos Mucope do Sul de Angola que ocorria durante a Efundula (festa da puberdade, quando as meninas se tornam aptas para o casamento). Os escravos da tribo dos Mucope vieram para o Brasil através do entreposto comercial com Benguela (Capoeiragem — Arte e Malandragem — Cadernos de Cultura n° 2 ano 1980 pág. 15/16).

Fala-se que em 1538, Jorge Lopez Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros

africanos. (Afonso do E. Taunay, subsídio para a história do tráfico africano Brasil, In Anais do Estado São Paulo 1941, tomo X, pág. 32).. Elevamos dois trechos importantíssimos para execução do nosso trabalho, a exemplo temos o “Ngolo” e a “hipótese de terem vindo de Angola, os primeiros escravos importados”.

Fazendo uma análise acerca das leituras e das exposições de idéias dos mestres de Capoeira Angola, onde eles afirmam mesmo sem dados concretos e científicos que a capoeira é de origem Africana, tomamos esse caminho, abrimos um espaço e criamos uma concepção, muito particular e importante para o desempenho do nosso trabalho, que é rebuscar a Capoeira Angola. Percebemos então, que a Capoeira Angola, teve a sua origem nos negros africanos, que por uma necessidade de subsistência transformaram a capoeira Angola em

defesa pessoal, devido a miserabilidade de vida suportada por inúmeros negros famintos, amordaçados, acorrentados e longe de suas terras na podridão das senzalas. Partindo dessa premissa, concluímos que foi preciso que os escravos transformassem um ato praticado cerimoniosamente entre seus povos, para um ato bélico em nome da liberdade.

Associação de Capoeira Navio Negroiro

Associação de Capoeira Navio Negroiro, fundada em 1986, na Fazenda Grande do Retiro, Salvador, Bahia.

NOVO CONSELHO ELEGE PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

No último dia 6 de setembro, a Assembléia Geral de Instituidores e Mantenedores da Fundação Casa de Jorge Amado reuniu-se, em sua sede, para proceder a eleição dos seus Conselhos Curador e Fiscal.

O Conselho Curador ficou assim constituído:
membros vitalícios (Zélia Gattai Amado, Paloma Jorge Amado Costa, João Jorge Amado, James Amado e Joelson Amado), representantes de entidades culturais (Prof. Cláudio Veiga — Academia de Letras da Bahia; Prof. Thales de Azevedo — Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Maria do Socorro Felix Borges e Silva — SPHAN; Universidade Federal da Bahia — Fernando da Rocha Peres), além de personalidades ligadas às classes empresarial e artístico-cultural a saber, Alfredo Machado, Jorge Calmon, Arthur Sampaio, Carlos Fraga, Adary Oliveira, Fernando Almeida, Wilson Lins, Calasans Neto, Germano Tabacof, Floriano Teixeira e Carybé.

Por sua vez, o Conselho Fiscal constituiu-se dos seguintes membros: Lafayette Pondé Filho, Renato Martins, Mário Gordilho, Paulo Maciel, Júlio Cesar de Carvalho e Jorge Lins Freire.

Já empossado, o Conselho Curador reelegeu, no dia 20 de setembro, como Presidente da Fundação Casa de Jorge Amado o Prof. Germano Tabacof, que, após a sua eleição, reconduziu a escritora Myriam Fraga ao cargo de Diretora Executiva.



DE SHAHRAZÀD À XERAZADE: A MAGIA DO CONTAR

Maria de Lourdes Netto Simões

O título do livro *Xerazade* é também o do seu conto chave. É o conto que fecha o livro e, a um só tempo, sugere e promove a sua estrutura interminável.

Com a mestria do contista experiente que é (esse livro é edição comemorativa dos 30 anos de atividade literária do autor), Hélio Pólvora, nesse conto que fecha o livro, como que o abre anunciando, pelo relato, outras mil e uma histórias, em intertextualidade do relato de *Shahrazàd d'As Mil e Uma Noites*².

Em linguagem carnalizada na medida em que participa da "festa" de forma irreverente e avessa à ordem e à hierarquia instituídas³, ele inicia o conto anunciando: *Escutei minha amiga durante muitas noites* (p. 94) e adiante, diz: *e agora estou a oferecer aos meus amigos* (p. 101). São dez os contos oferecidos.

O último conto, que nomeia o livro, sugere a relação com todos os outros antes apresentados, inclusive pela participação do próprio narrador como ouvinte-narrador nesse, e narrador do que ouviu, nos outros nove. Assim é que *Xerazade* conta-se e é contado. É enunciação e enunciado. Oferece e é oferecido. Articula-se e é o articulador de todos os outros. Realiza-se, portanto, como tal (conto) e como motriz/matriz estrutural do livro.

O conto desenvolve-se em dois níveis que caminham juntos, imbricados, ambíguos, mas distintos. Por um lado, enquanto relato, realiza-se em paródia, enquanto transposição do tom solene em familiar⁴, ou no dizer de Bakhtin, na criação de um mundo às avessas⁵. É paródia d'*As Mil e Uma Noites*, narrativa oriental que serve de marco e, por um fio, comunica-se com outras em caráter interminável, graças à jovem *Shahrazàd* que com astúcia livra-se da execução a que se vê ameaçada, renovando a cada noite o interesse do seu senhor pelos contos (O rei *Shahriyar*, ao descobrir a traição da sua esposa, desencantado com a perfídia feminina, resolve que daí em diante passará cada noite com uma jovem que será executada ao amanhecer. Entretanto com *Shahrazàd* o rei, para escutar o final dos contos, adia a execução para o dia seguinte; porém na noite próxima é acrescentado outro conto ao primeiro não terminado; assim sucessivamente foi-se renovando o interesse do rei por conhecer o desenlace durante mil e uma noites. Ao fim dessas noites, o rei, que já tinha três filhos de *Shahrazàd* e passa a amá-la, concede-lhe o indulto e conserva-a como esposa⁶).

Como o de *Shahrazàd*, o conto *Xerazade* é por sua vez articulador. Entretanto o narrador dos outros contos não é a *Xerazade*, mas o amigo, ouvinte das suas histórias. Neste sentido, o conto explica-se e justifica-se enquanto chave estrutural do livro.

Por outro lado, enquanto história, a relação entre *Xerazade* e *Shahrazàd* é também paródica. Com relação ao amor, agora é um amor que acaba e que se tenta retomar pelo artifício das histórias, procurando vencer a rotina, o desgaste, o engano, o ciúme. Entretanto, *naquela noite especial* (...) *ela emudeceu* (p. 94).

Longe da submissão oriental, *Xerazade* é a mulher liberada, independente, ousada, que questiona e protesta. Agora há um "vizir" sem súditos que "morde as mãos" para não se humilhar diante dela, mas que também tem o "ar" do galanteio e da conquista.

Ultrapassando fronteiras, com ironia e humor, o magistral contista que é Hélio Pólvora consegue somar ao clima de magia oriental, a magia da linguagem, que empresta ao texto. O "clima" criado é o de sultanas e vizires, o "clima" oriental propício ao amor.

A linguagem tem tons de "lá", nos vocativos (meu senhor), nos nomes dos lugares (*Makhalaf*, etc), nas areias do deserto. Mas é um português bem brasileiro pelo humor, pela malícia. Quando, por exemplo, *Xerazade* telefona (depois de tantos dias de separação e onde a ansiedade faz com que o amado tenha as mãos sangrando), *a sua voz vem de longe, de Makhalaf e traz o sopro quente e sufocante do deserto* (p. 100), mas este não é um espaço vivenciado, é antes o "clima" criado, o "clima" que se metaforiza em espaço.

Talvez mesmo por todo esse "clima" paradoxal, consegue ainda suscitar a distância cultural que separa oriente e ocidente, já no caso a partir mesmo da própria relação amorosa homem/mulher. Fica implícita, pela paródia, a submissão oriental feminina, na liberação ocidental: *Estou muito atrasada. Todas as minhas amigas já conheceram mais de 15 homens* (p. 101). Por outro lado, evidência a idéia do amor como sentimento universal, arrebataador, independentemente de quaisquer códigos ou cultura, e a própria natureza do homem e da mulher na sua incessante procura do amor, até mesmo nas suas contradições.

Curiosamente, nas diferentes histórias que *Xerazade* contava *ela era a personagem central e por assim dizer única, e, talvez por isso, oferecia em suas narrativas a face aparente* (p. 102), observa o narrador de *Xerazade*, ironicamente, enfatizando a característica feminina temida pelo rei de *As Mil e Uma*

Noites, bem como por esse narrador: a perfídia. A configuração da ambigüidade feminina determina o fascínio da sua natureza — a qual daquelas mil histórias ela pertenceria? Aquelas mil histórias seriam outros tantos mil espelhos em que ela se mirava? (p. 102).

As histórias de *Xerazade* adquirem aqui um outro sentido, o sentido da busca de si mesmo também,

busca de identidade, de realização amorosa.

Por que as personagens femininas são todas elas mulheres por volta dos quarenta anos? (exceção da viciada *Dayse*). O autor insinua os quarenta anos como idade de recomeço, de ânsia de viver mais intensamente. Quando *Hermano*, talvez a única personagem que acredita na renovação do amor, propõe: *por que não prolongar o nosso amor?* (p. 10), ela responde: *porque eu já entrei na casa dos quarenta. De cuca fumegante* (p. 10). Ou mesmo quando *Xerazade* diz-lhe: *Estou muito atrasada. Todas as minhas amigas já conheceram mais de quinze homens* (p. 101) e o próprio narrador-ouvinte-amigo pensa: *E agora ela já está com pouco mais de quarenta, o cabo das Tormentas*. (p. 101).

Assim é que, em *Xerazade*, Hélio Pólvora conta histórias diversas ouvidas de sua amiga *Xerazade* ao longo de tantas noites que ele mesmo não consegue precisar, *podem ter sido trezentas e nove mil, talvez mil e uma* (p. 94). Ouvidas em noites *virgens, nuas, intactas, francas, vividas e sonhadas em terra firme e nos mares* (p. 101) e *que agora oferece aos amigos para o seu deleite e consternação* (p. 101). Ao oferecê-las, o narrador identifica-se com o autor uma vez que diz do seu propósito enquanto narrador e oferece-as enquanto autor.

Como *As Mil e Uma Noites*, essas histórias são "simples, sinceras, sentidas", e é assim que as considera o narrador ao oferecê-las. Como *Shahrazàd*, o autor sugere o interminável do relato, através dos diversos enfoques do tema e mais em outros sugeridos, pressentidos, possíveis relatos, sutilmente anunciados no título do livro *Xerazade*.

Pelo caminho da intertextualidade estrutural, portanto, oferece contos sobre amores diversos. Amor, Sentimentos, relacionamentos interpessoais ou, como ele próprio sugere com a epígrafe de Graham Greene que abre o livro, sobre o *corrupto amor humano*, o amor comum em diferentes nuances, circunstâncias, intensidades, intensões.

Repasados de ironia que por vezes chega ao escárnio e ao humor negro, os relatos sobre o amor, qual camaleão, adquirem tons diversos a depender das diferentes circunstâncias ambientais, valores, crenças das suas personagens, desde a conclusão de que *o amor acaba*, afirmada por *Xerazade*, até a certeza de que *o amor se renova*, acreditado pelo mágico *Hermano*.

O contador de histórias enfoca personagens de universos os mais diferentes: um mágico, um folião, um pastor, um vendeiro, um relações-públicas, um toxicômano, um agricultor e um escritor. Nas várias circunstâncias, a mulher é sempre *aquela oclusa mulher de meia-idade que aparecia tanto em suas* [de *Xerazade*] *narrativas a sonhar com liberdades secretas, a olhar crepúsculos, a soltar palavras para parecer liberada* (p. 99). Todas elas, nas suas várias circunstâncias de vida são sequiosas do amor, buscando saídas, de uma forma ou outra, para o impasse dos seus descaminhos/caminhos amorosos. Assim acontece seja em meio ao bulício do carnaval, através de um amor factual, aventureiro (*Romance de Carnaval*); seja através do amor sereno e companheiro, exemplo de amor feliz (*Chico e Natália*); seja mesmo na luta contra a morte (*Aquém do Umbral*), por exemplo.

Muito mais do que relações entre oriente e ocidente, a questão é da própria natureza humana, entre o homem e a mulher, a de *milhares de quilômetros de areia. Entre nós torres e muralhas, paredes espessas, ruas e pedras, multidões* (p. 102). A questão é a da incessante busca de um homem e uma mulher *retendo a sua mútua procura* (p. 102), a procura do amor, a busca do "esquivo amor". Ele, universal. Que atravessa espaço e tempo.

Assim é que os vários contos confluem. Pelo resgate, na busca do amor, insistindo, procurando, renovando, resistindo. Por isso é que a morte é vida em *Xerazade*: *eu vou te matar. Piedade, meu senhor, misericórdia. Era uma vez uma moça que tinha camisola rosa shocking...* (p. 103). E como o amor, o relato recomeça. E o conto reconta-se e anuncia o livro que, findando, re-começa. Interminável...

Notas

1. Hélio Pólvora. *Xerazade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989. Edição comemorativa dos 30 anos de atividade literária do autor.
2. *Las Mil y Una Noches*. Trad. esp. de V. Blasco Ibáñez. Valencia, 1910. 28 Vols.
3. Mikhail Bakhtin. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981. P. 105.
4. Henri Bergson. *O Riso*. Trad. Nathanael Carneiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, p.68.
5. Bakhtin. op. cit. 109.
6. *Las Mil y Una Noches*.



Xerazade. Hélio Pólvora.
Rio de Janeiro,
José Olympio Editora, 1989

Maria de Lourdes Netto Simões é professora titular do Departamento Letros da FESPI — Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna.

Em agosto/setembro a **Pesquisa e Documentação** deu seguimento às suas atividades, catalogando e classificando material impresso e tombamento de acervo, além de complementar o dossiê de músicas adaptadas da obra de Jorge Amado, incluindo as letras compostas pelo escritor. Houve também um levantamento completo das receitas de culinária baiana existentes nos romances de Jorge Amado. Durante esses dois meses, a Fundação Casa de Jorge Amado recebeu a visita de estudantes de 1º e 2º grau e pesquisadores de várias universidades.

Agosto

Dia 1º, às 18 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado foi lançado o primeiro número da **Revista Padê**, editada pelo CERNE. Essa publicação trata especialmente da cultura negromestiça.

Dia 3 e 5, lançamento da **Revista Exu** e da **Coleção Casa de Palavras** nas cidades de Aracaju e Maceió. Paralelo ao lançamento aconteceu uma exposição de gravuras de artistas plásticos baianos sob a curadoria da Prova do Artista.

Dia 15, um grupo de jornalista franceses, de um dos mais importantes jornais, o *Le Figaro*, visitou durante toda a tarde a Fundação Casa de Jorge Amado.

Dia 22, às 17 horas, o escritor, poeta e professor carioca Claudio Murilo, apresentou uma leitura de poemas de sua autoria e falou sobre a poesia como processo de libertação, ou catarse. Claudio Murilo é autor, dentre outros, de "Caderno de Proust", "A Velhice de Erza Poud", "Escrito na Carne". Atualmente vive em Madri, onde dirige o Colégio Universitário Casa do Brasil. Em seu currículo constam títulos como o de Professor de Literatura nas Universidades do Rio de Janeiro e Brasília, Doutorado na Universidade de Essex (Inglaterra) e Complutense de Madri.

Setembro

Dias 4, 5 e 6, às 19 horas, no auditório do Marazul Hotel, a Fundação Casa de Jorge Amado realizou Seminário sobre **Interpretação Literária e Psicanálise — Imagens da Poesia de Mário de Andrade**, proferida pelo professor João Luiz Lafetá, da Universidade de São Paulo. Na noite do dia 6, Lafetá, que é um especialista na obra de Mário de Andrade, autografou seu livro **Figuração da Intimidade — Imagens na Poesia de Mário de Andrade**.

Dia 5, lançamento do livro **Etnicidade. Ser Negro em Salvador**, do professor Jeferson Bacelar.

Dias 13 e 14, foram apresentadas em São Paulo (Livraria Claudio Ábramo) e Rio de Janeiro (Livraria Xanan) a **Revista Exu** e a **Coleção Casa de Palavras**, livros de ensaios sobre cultura, de Nelson Cerqueira, **A Política do partido comunista e a questão do realismo em Jorge Amado**, Antonio Risério, **Cores Vivas**, com o lançamento na-

cional do terceiro volume da **Coleção, O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira — O Caso Gregório de Mattos** do poeta e escritor Haroldo de Campos. O livro procura fazer uma leitura ao revés do modelo preferencial do engendramento da história literária brasileira, marcado, mesmo contemporaneamente, pelo paradigma oitocentista da representação da "essência de uma entidade nacional à busca de si mesma" (literatura vista como encarnação do espírito nacional).

Dia 20, às 20 horas, com o apoio cultural da Shell do Brasil S.A. (Petróleo), Hotel Bahia do Sol e Fundação Banco do Brasil, foi realizado coquetel de lançamento do seminário comemorativo aos **55 anos do romance SUOR**, na Fundação Casa de Jorge Amado, com a presença de intelectuais, artistas, empresários e imprensa.

Dia 21, às 17 horas, aconteceram dois lançamentos na Fundação Casa de Jorge Amado: a **Revista Exu** nº10 e o livro **Punhos da Serpente**, do escritor **Salgado Maranhão**. Vivendo no Rio de Janeiro desde 1973, Maranhão já publicou "Abolição da Escravidão — Antologia Poética e Aboio ou Saga do Nordeste em Busca da Terra Prometida" (Cordell), além de ensaios e colaborações avulsas em jornais e revistas do Brasil e exterior. **Punhos da Serpente** está dividido em cinco partes e traz cerca de noventa e quatro poemas sobre as várias possibilidades do ser humano dentro do mundo contemporâneo.

Dia 26, às 18 horas, no Museu Geológico, foi lançado o terceiro volume da **Coleção Casa de Palavras**, o ensaio **O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira — O Caso Gregório de Mattos**, de Haroldo de Campos. Depois do lançamento, Haroldo realizou palestra intitulada **Afreudisíaco Lacan na Galáxia da Língua — Freud, Lacan e a Linguagem Poética**.

Dia 27, às 18 horas, a Fundação Casa de Jorge Amado, Academia de Letras da Bahia, Fundação Joaquim Nabuco e Centro de Estudos Baianos reuniram-se num evento na sede da Casa de Jorge Amado para homenagear os **20 anos de jornalismo de Julieta Isensee**.

Convênios

Foi realizado um convênio entre a **Fundação Casa de Jorge Amado** e a **Fundação Colégio Mayor Universitário Casa do Brasil**, que tem sede em Madri, na Espanha, com o objetivo de fortalecer as relações culturais entre os dois países, promovendo cursos, conferências, simpósios, exposições, etc. O acordo foi assinado por Germano Tabacof (pela Fundação Casa de Jorge Amado) e Claudio Murilo Leal (pela Casa do Brasil).

A **Fundação Casa de Jorge Amado** e o **Universal English Course** realizaram convênio técnico-cultural, visando aprimorar os conhecimentos da língua inglesa entre os funcionários da Fundação. Oficializaram o compromisso, a diretora executiva da Casa, Myriam Fraga e os diretores do UEC, Nô Brito e Jorge Alfredo Martins de Araújo.

Utilizando os benefícios da Lei Sarney para concretizar a realização do projeto "Relíquias de Canudos", de autoria do antropólogo Renato Ferraz, foi assinado um convênio de cooperação entre a **Fundação Casa de Jorge Amado** e a **Politeno Indústria e Comércio S.A.** Assinaram o presidente da Casa, Germano Tabacof e os diretores da Politeno, Danilo de Castro Abreu e Eduardo Nelson de Almeida Santos.

Através do Banco Mercantil de Crédito S.A., a **Fundação Casa de Jorge Amado** utilizando os benefícios da Lei Sarney, produziu o livro **Leonor**, a Calípgia de Luiz Carlos Café, contos, publicado pela Editora Tempo Brasileiro.

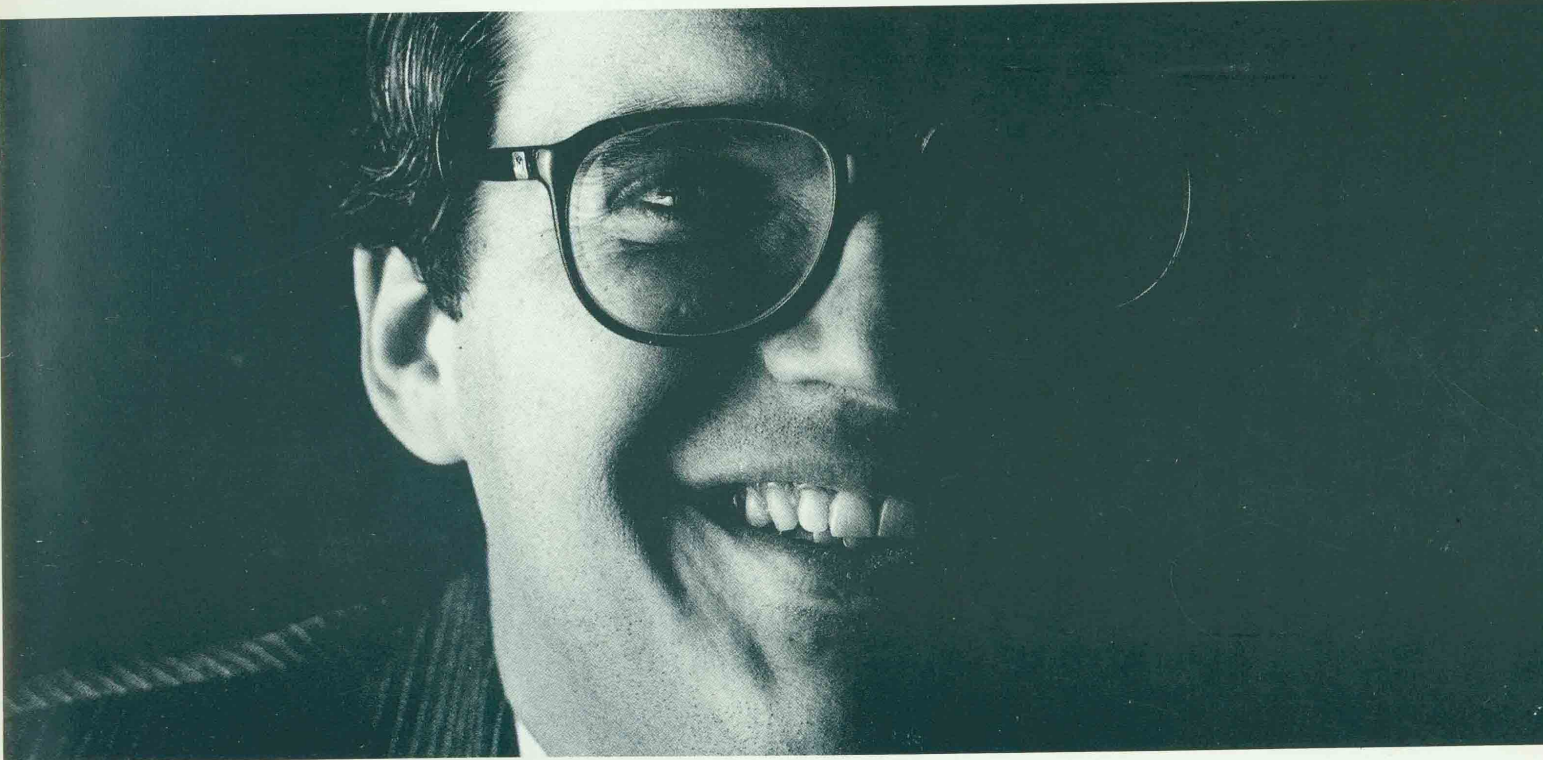
A Programação da
Fundação Casa de Jorge Amado
tem Apoio Cultural

FBB
FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL



A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

Conta Azul Remunerada da Caixa.



Sem dúvida, com toda segurança.

Conta Azul Remunerada.
Agora, ao invés do seu dinheiro
ficar parado, perdendo minuto
a minuto, ele vai render.
Diariamente.
E já a partir do dia da
aplicação.
Você não tem prazo definido

para sacar ou depositar.
É quando você resolver.
No caso de retiradas, é só avisar
24 horas antes. E a movimentação
pode ser feita pessoalmente ou até
por telefone, se preferir.
Você deve estar achando que a
Conta Azul Remunerada é muito

parecida com as outras que estão
no mercado.

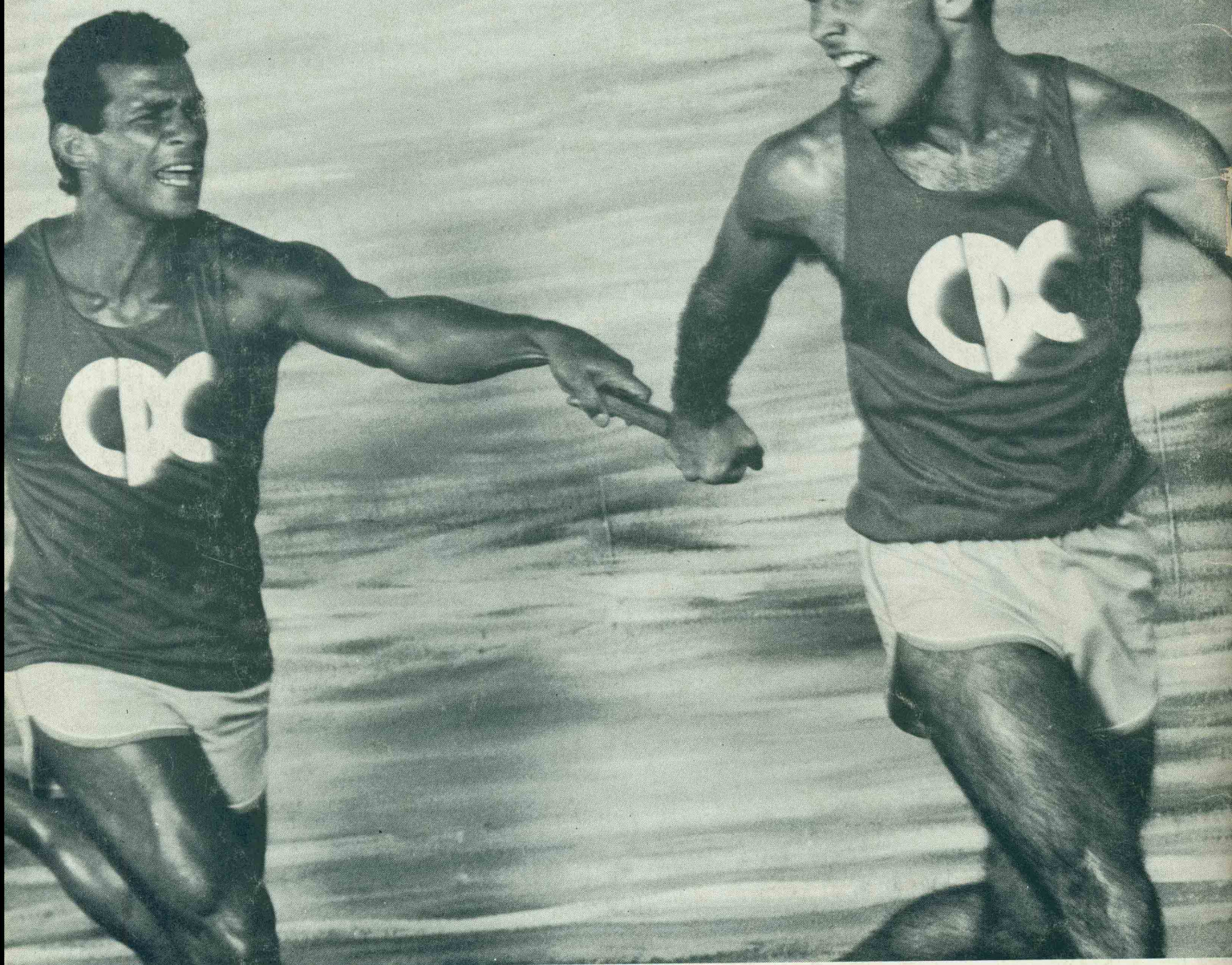
Mas só ela tem uma coisa que
nenhuma outra tem: a segurança
da Caixa Econômica Federal.

E segurança é o que um homem
de decisão nunca pode deixar de ter.
Não é?

**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL**



**DESEMPENHO.
CADA VEZ MAIS, ESSA PALAVRA
TEM A MARCA DA CPC.**



A CPC conhece bem o sentido da palavra desempenho.

Afinal, esta é sua palavra de ordem desde que ela é a CPC.

No seu setor específico, o desempenho da CPC só honra a história da Petroquímica no Brasil.

Ela é simplesmente a maior fabricante de PVC da América Latina e está entre os 10 maiores produtores de PVC do mundo.

A nível nacional, a CPC supre 60%

do mercado brasileiro de PVC, gerando grande arrecadação de ICM e contribuindo com milhões de dólares por ano, em divisas para o país.

Além disso, é significativa a contribuição da CPC na mudança do quadro sócio-econômico das regiões onde atua, através da formação de mão-de-obra especializada, da geração de empregos e do desenvolvimento tecnológico.

Uma contribuição que tem sido

decisiva, também, para o desenvolvimento de outros mercados, essenciais ao conceito de vida moderna.

É claro que nada disso seria possível sem o espírito de equipe que marca o trabalho de cada um dos milhares de funcionários da CPC.

Todos os que, permanentemente, se empenham, para que o desempenho da CPC seja cada vez melhor a cada ano.

CPC COMPANHIA
PETROQUÍMICA
CAMACARI



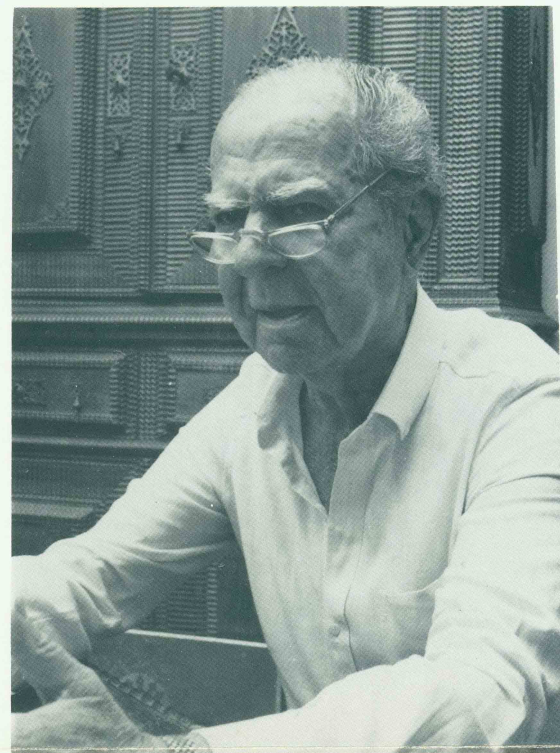
Não me esnobeis, Condessa, guardai brasão e pergaminho, o título dourado, os chifres papalinos do Barão, guardai! Vosso brasão não o posso desenhar nem esculpir, são outros os meus modelos: descarnados moleques, seus ossos, sua pele, sua fome e o mais belo santo antigo da Bahia. Mas desenharei também a frágil perfeição de vosso seio, talharei na pedra vosso mel e vossa neve, cavarei na madeira vossa flor noturna. Minha nobreza é outra: é a da pedra e a da madeira, um velho pesadelo azul, um sonho perseguido, um fatigado coração e essa mão cansada.

Mirabeau Sampaio

Sob o título "Encontro de Mirabeau Sampaio com a Condessa Papalina", Jorge Amado em "Bahia de Todos os Santos", em tom de conversa poética apresenta José Mirabeau Sampaio, pintor, escultor, personagem constante de seus livros, baiano nascido em Salvador, no dia 18 de novembro de 1911, onde vive, era uma cidade calma, serena, de bonde, onde acertava-se a hora pelo horário da passagem na rua, tempo de futebol amadorístico, onde joguei como juvenil no Campo da Graça, uma cidade que da Barra em diante só tinha um bar, o do Manoel, onde os boêmios passavam suas noites.

Autodidata, aos quinze anos fui para a Escola de Belas Artes, mas só fiquei três meses, mas depois professor de escultura na mesma escola da Universidade Federal da Bahia, doutor em medicina, me formaram, mas nunca exerci. Não sou chegado a doentes nem a doenças, Mirabeau Sampaio sempre desenhou, desde menino, primeiro realizando caricaturas dos padres do Colégio Antônio Vieira onde estudou, depois criando presépios, aprendizado que teve com seus tios, e aí já os vendendo, o que ele chama de uma parte simpática, e finalmente, na adolescência, desenhando figuras imorais para vender aos amigos e colegas, estes agora por um preço bem mais caro, diz rindo.

Participante de várias exposições, a primeira na Escola de Medicina, eram ainda caricaturas. Depois fiz uma de aquarelas, maior, em benefício social. Mas o interessante dela foi que sendo contra o governo e estando na porta da exposição, vi chegar o governador, e reagi. Não ia fazer exposição para governador ver. Entrei, rasguei tudo. Foi um escândalo. E conclui: A mocidade é uma beleza.



Premiado no Salão Baiano (1956), Salão Paulista (1959), Bienal de São Paulo (1959), Bienal Nacional de Artes Plásticas (1966), Salão Nacional de Arte Moderna (1959), Mirabeau Sampaio é descrito por Roberto Pontual em seu Dicionário interessado por uma inspiração e motivação autóctones a princípio, passa ao formalismo abstrato de definidas composições geometrizarantes em que cilindros e vazios, nelas formados com o mesmo cuidado geométrico, completam os ritmos composicionais. É a madeira o material que prefere.

Para Mirabeau Sampaio, se Mário Cravo colocou os instrumentos na sua mão, pois através dele começou a fazer esculturas em madeira, Jorge Amado o profissionalizou. Certo dia, Jorge chegou na minha casa e ao ver as esculturas disse: você tem muito material. Daí fechou a mostra e fez uma apresentação belíssima. A partir disto Mário me obrigou a fazer obras maiores e vendo sua coleção de santos descobri que nesta estava a verdadeira escultura brasileira, pois a das praças públicas são acadêmicas, européias. Estudei os santos, recriei-os, e passei a ser só pintor e escultor. Larguei tudo que fazia antes, os negócios, e posso afirmar hoje que eu não poderia ser feliz se não pintasse.

